

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Economia Informal no Brasil

Aline Camilo da Silva Andrade

Mestrado em Economia Monetária e Financeira

Orientador: Doutor Ricardo Barradas, Professor Auxiliar do ISCTE -
Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientadora: Doutora Sofia Vale, Professora Auxiliar do ISCTE -
Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2022



CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANAS

Departamento de Economia Política

Economia Informal no Brasil

Aline Camilo da Silva Andrade

Mestrado em Economia Monetária e Financeira

Orientador: Doutor Ricardo Barradas, Professor Auxiliar do ISCTE -
Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientadora: Doutora Sofia Vale, Professora Auxiliar do ISCTE -
Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2022

Agradecimentos

Ao Professor Ricardo Barradas, pela paciência, disponibilidade que demonstrou sempre que foi solicitado e todo apoio que prestou para com a sua contribuição sempre a responder prontamente. A todos os professores que também de uma certa forma contribuíram para este meu percurso académico.

Ao meu namorado e companheiro, pelo apoio e motivação ao longo do meu percurso académico. Aos meus amigos que deram suporte e ânimo nos momentos de mais dificuldade, cuja contribuição foi essencial para que mais esta etapa fosse concluída, não teria conseguido sem eles, todos eles. À minha irmã por também ter incentivado sempre a continuar.

A todos vocês expresso toda a minha gratidão, estes são meus sinceros agradecimentos.

Resumo

Os trabalhadores da economia informal realizam atividades produtivas fora dos marcos regulatórios e normas trabalhistas convencionais, geralmente não pagam impostos sobre o rendimento e o capital, nem contribuem para os sistemas de segurança social, mas igualmente não beneficiam das prestações de segurança social contributivas, tampouco créditos fiscais. Neste estudo, a pergunta geral de investigação é: “Quais são os determinantes da informalidade na economia brasileira?”. Com o objetivo de estudar a informalidade no Brasil, é preciso perceber o que influencia esta elevada taxa de informalidade. No decorrer da dissertação, outro objetivo será descobrir se a bibliografia aponta para evidências que poderemos encontrar ao utilizar as fontes de informação empírica, ou seja, se os determinantes da informalidade encontrados em investigação pelos autores em seus artigos também se aplicam ao Brasil ou não, pois poderão ser encontrados outros determinantes que contribuam para a informalidade. Com este estudo foi possível perceber que, após serem avaliadas diferentes perspectivas e explicações para esta problemática, de fato, os determinantes da informalidade no Brasil não são um produto de um único fator, mas sim de um conjunto de fatores variados, concebidos pelas várias características que o país possui e que são transversais desde económicas, políticas e sociais.

Palavras-Chave: Brasil, economia, informalidade, trabalho formal, informal, políticas.

Abstract

The workers of the informal economy execute their jobs outside of regulatory frameworks and conventional labor rules, generally do not pay income or capital taxes, nor do they contribute to social security programs, but likewise do not receive the benefits afforded by social security contributions nor income and business tax credits. In this study, the overall subject of inquiry is: “What are the determinants of informality in the Brazilian economy?” With the object of studying informal work in Brazil, it is necessary to understand what influences the high rate of informal work. In the process of this dissertation, another objective will be to discover if the bibliography indicates further evidence that we may discover while employing empirical sources of information, that is, if the determining factors of informality uncovered by investigating authors in their reports also apply to Brazil or not, as other determinants that contribute to informal work may be found. It was apparent in this study that, upon the evaluation of different perspectives and explanations for this problem, the determinants factors of informal work in Brazil are not a product of a single cause, but in fact a collection of several factors, known by various characteristics of the nation and which extend through economic, political and social realms.

Keywords: Brazil, economy, informal work, formal work, labor, policies.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Glossário	xi
Capítulo 1. Introdução	1
Capítulo 2. Revisão da Literatura	5
Capítulo 3. Dados e Metodologia	17
Capítulo 4. Análise de Conteúdo e Resultados	23
Capítulo 5. Conclusão	29
Referências Bibliográficas	33
Anexos	35
Anexo A - Guião da Entrevista: Colaborador Informal	36
Anexo B - Guião da Entrevista: Colaborador Informal - COVID-19	38
Anexo C - Guião da Entrevista: Empreendedor e Microempreendedor	40
Anexo D - Guião da Entrevista: Trabalhador em Sistema Misto - Possui Trabalho Formal e Informal em Simultâneo	42
Anexo E - Guião da Entrevista: Sindicatos	44
Anexo F - Consentimento Informado	45

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Taxa média de informalidade no Brasil	2
Tabela 2 - Identificação dos participantes entrevistados por grupos	22
Tabela A1 - Proporção de pessoas ocupadas em trabalhos informais, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação - 2012-2018	35
Tabela A2 - P1: Trabalhador em Sistema Misto	46
Tabela A3 - P2: Empreendedor e Microempreendedor	48
Tabela A4 - P3: Empreendedor e Microempreendedor	50
Tabela A5 - P4: Trabalhador em Sistema Misto	53
Tabela A6 - P5: Empreendedor e Microempreendedor	55
Tabela A7 - P6: Empreendedor e Microempreendedor	57
Tabela A8 - P7: Colaborador Informal	59
Tabela A9 - P8: Sindicato	62
Tabela A10 - P9: Sindicato	64
Tabela A11 - P10: Trabalhador em Sistema Misto	67
Tabela A12 - P11: Colaborador Informal	69
Tabela A13 - P12: Trabalhador em Sistema Misto	71
Tabela A14 - P13: Colaborador Informal	74
Tabela A15 - P14: Empreendedor e Microempreendedor	76
Tabela A16 - P15: Colaborador Informal	78
Tabela A17 - P16: Sindicato	80
Tabela A18 - P17: Colaborador Informal - COVID-19	82
Tabela A19 - P18: Colaborador Informal - COVID-19	84

Índice de Figuras

Figura 1 — Impactos da informalidade	10
Figura 2 – Género dos participantes	22

Glossário

CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILO	International Labour Organization
MEI	Microempreendedor Individual
NIF	Número de Identificação Fiscal
PT	Partido dos Trabalhadores
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

CAPÍTULO I

Introdução

A informalidade está presente em todas as economias do mundo, com menor ou maior grau de existência, essa relação varia quando se trata de países desenvolvidos e países em vias de desenvolvimento (Williams & Horodnic, 2019). É algo com que convivemos no nosso dia-a-dia, pois podemos encontrá-la em todos os setores da economia desde o setor primário ao setor terciário. Os trabalhadores da economia informal realizam atividades produtivas fora dos marcos regulatórios e normas trabalhistas convencionais, geralmente não pagam impostos sobre o rendimento e o capital, nem contribuem para os sistemas de segurança social, mas igualmente não beneficiam das prestações de segurança social contributivas e nem créditos fiscais (Niño-Zarazúa & Hernández, 2021).

Uma das principais preocupações relacionadas com o funcionamento dos mercados de trabalho é como as políticas de proteção social podem ir de encontro às condições e mecanismos de incentivo que sustentam a economia informal. Esta preocupação é relevante entre os países de baixo ou médio rendimento, onde o emprego informal representa entre 80% e 90% (Niño-Zarazúa, 2019). Por outro lado, Marques *et al.* (2020) sugerem que os governos deveriam incentivar a proteção dos trabalhadores da economia informal de modo a transitarem para uma economia formal, e que não é possível ter um desenvolvimento sustentável com um trabalho informal, onde os trabalhadores não estão legalmente protegidos. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a informalidade é uma característica histórica do mercado de trabalho brasileiro que gera desigualdades e que tem como consequências muitos trabalhadores sem os mecanismos de proteção social necessários que são inerentes aos trabalhadores do setor formal. Outros estudos destacam os custos que a corrupção e a burocracia causam às empresas formais como um fundamento da informalidade (Bologna 2016; Jonasson 2013).

O IBGE fez uma divulgação em outubro de 2019, afirmando que o Brasil atingia uma taxa de informalidade de 41.4% da população ativa, tratando-se de uma das maiores economias do mundo, este dado é de certa forma alarmante, visto que esta é uma percentagem muito elevada. Atualmente no Brasil, a média mais recente de informalidade é relativa ao ano de 2021 com o valor de 40,2%. Na Tabela 1, é possível verificar os valores médios da informalidade dos últimos anos no Brasil.

Tabela 1 – Taxa média de informalidade no Brasil

Ano	Taxa Média de Crescimento do PIB	Taxa de Média da Desocupação	Taxa de Média da Informalidade da População Ocupada
2016	-3,8%	11,5%	39,0%
2017	1,0%	12,7%	40,7%
2018	1,3%	12,3%	41,5%
2019	1,1%	11,9%	41,1%
2020	- 4,1%	13,8%	38,7%
2021	4,6%	13,2%	40,2%

Fonte: IBGE| Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

No ano de 2020 com a pandemia do COVID-19 a taxa média de desocupação aumentou enquanto que a taxa de informalidade recuou para 38,7%, mas esta diminuição segundo o IBGE não foi dada pelo aumento de trabalhadores formais no mercado de trabalho, mas sim pelo fato destes terem perdido suas ocupações durante este período, pois estes trabalhadores foram os primeiros a serem atingidos com esta crise sanitária, social e económica. Segundo a coordenadora de pesquisa do IBGE, Adriana Beringuy, este valor é elevado, mas a informalidade é uma característica estrutural no Brasil, e os valores já eram altos mesmo antes da pandemia do COVID-19.

O presente estudo recai sobre o fato do Brasil ser uma grande economia e, também, por reportar altos índices de informalidade. Em 2019, ano em que se iniciou esta pesquisa, o Brasil esteve entre as 10 maiores economias a nível mundial, como 9ª maior potência económica, segundo dados do World Bank. Apesar do seu PIB ter oscilado durante a pandemia, continua a ser de grande importância pois um país integrante do G20 com uma realidade em que enorme parte da sua população ocupada encontra-se em situação informal, é uma percentagem elevada em oposição ao posicionamento do Brasil nas economias mais desenvolvidas do mundo. E, para além do interesse nacional e pessoal que o país progrida e caminhe rumo ao desenvolvimento, não se pode descartar o fato de que tamanha informalidade no mercado pode gerar inseguranças na economia, uma vez que não se paga impostos nem se contribui com encargos sociais que protejam os trabalhadores, inclusivamente em momentos de grandes adversidades. O tema escolhido mostrou-se ser de grande relevância, mais ainda porque nos últimos dois anos como

consequência da crise sanitária global, o resultado foi um agravamento da situação económica do país e, tal como sugere Webb *et al.* (2020), a pandemia COVID-19 afetou desproporcionalmente os agentes do setor informal. Estes receberam menos apoios do que os trabalhadores formais, como resultado de uma proteção social insuficiente, situação que dificultou também novas medidas que tornassem mais atrativo o setor formal. Posto isto, de acordo com Besley e Persson (2013, citado em Rocha *et al.*, 2018), o agravamento dos níveis de informalidade tem impacto no rendimento sobre o qual recaem as obrigações fiscais de quem integra o setor informal e, conseqüentemente, no crescimento de um país em vias de desenvolvimento.

Tendo em conta alguns pressupostos teóricos, a pergunta geral de investigação consiste em perceber “Quais são os determinantes da informalidade na economia brasileira?”. Com o objetivo de estudar a informalidade no Brasil, é preciso perceber o que influencia a elevada taxa de informalidade. No decorrer da dissertação, outro objetivo será descobrir se a bibliografia aponta para evidências que poderemos encontrar ao utilizar as fontes de informação empírica, ou seja, se os determinantes da informalidade encontrados em investigação pelos autores nos seus artigos também se aplicam ao Brasil ou não, pois poderão ser encontrados outros determinantes que contribuam para a informalidade. A literatura ressalta alguns indicadores utilizados em pesquisas, assim como aspectos que são vistos como condicionantes da informalidade (Williams & Horodnic, 2019; Williams & Youssef, 2015) e podem ser retratados como condições macroeconómicas e condições microeconómicas. Seguindo esta lógica, é necessário ir ao encontro das características macroeconómicas e microeconómicas que explicam a informalidade.

A dissertação realiza um estudo de caso, uma vez que não existe suficiente informação estatística disponível relativa ao setor informal no Brasil. O IBGE dispõe de apenas dois anos de estudo aprofundado acerca deste assunto, nomeadamente o ano de 1997 e o de 2003, pelo que a ausência de séries suficientemente longas não permite a elaboração de um estudo econométrico. Com o intuito de obtenção de informação relevante, serão analisados documentos legais e dados descritivos para tentar entender características e condições estruturais do Brasil que conduzam à informalidade. Foram ainda realizadas 18 entrevistas como fonte de informação qualitativa, com o objetivo de extrair fatores que permitam compreender as razões e motivações pelas quais empregados e empregadores optam trabalhar na informalidade, e de modo a dar resposta à pergunta de partida.

Esta dissertação está estruturada da seguinte maneira: a seção II corresponde à revisão da literatura, nomeadamente abordando uma breve definição sobre o conceito da informalidade,

uma breve descrição de como a informalidade começou ganhar expressão no Brasil, as várias teorias abordadas que apontam e explicam alguns potenciais determinantes da informalidade no mundo e no Brasil, e a descrição da conjuntura atual brasileira e da sua relação com o sector informal. A seção III descreve os dados e a metodologia. A seção IV apresenta a análise de conteúdo e os principais resultados das entrevistas realizadas. A seção V procura compreender se de fato foram encontrados novos determinantes com os resultados obtidos, tendo em conta a prévia análise da revisão da literatura. E por fim, é apresentada uma sugestão para futuras investigações desta problemática, com o intuito de alcançar uma economia mais saudável e sustentável.

CAPÍTULO II

Revisão da Literatura

A economia informal significa que não existem registos de faturação nem de compra e venda, tampouco se contribui com impostos ou encargos sociais pois, e/ou a atividade, e/ou o empregador, e/ou o empregado não está formalizado/a ou regularizado/a, havendo, portanto, algumas definições necessárias a salientar. Uma destas definições são trabalhadores em empresas informais, ou mesmo trabalhadores informais em empresas formais, assim como trabalhadores domésticos, trabalhadores por conta própria e também trabalhadores em ambientes familiares (Williams 2015b; Williams and Horodnic 2019; ILO 2020).

Williams & Martinez (2014, citado em Webb *et al.*, 2020) sugerem que há muitos termos que são utilizados na literatura para definir o que é a economia informal, como por exemplo o que não é regulamentado, o que não é visível, ou também aquilo que não é declarado às autoridades fiscais, ou ainda atividades praticadas em ambientes informais. O emprego informal também é definido como emprego em que o trabalhador não é registado para finalidades de benefícios ou mesmo fiscais. Há também uma preocupação em diferenciar o que é informal daquilo que é ilegal, a atividade informal é aquela que num ambiente formal seria legal se seguisse determinados regulamentos como o pagamento dos impostos, e o fato da própria empresa ser formal ou dos trabalhadores serem devidamente registados. Aquilo que é ilegal, são as atividades que numa economia formal seriam proibidos por lei por serem atividades criminosas, como por exemplo, o tráfico de drogas.

De acordo com Esteves & Menezes (2020), não há uma definição consensual da informalidade, por esse motivo ela pode ter muitos aspectos. Para estes autores, o auto-emprego pode ser confundido com o trabalho informal, pois há trabalhadores autónomos que possuem acesso à segurança social, assim como um regime diferenciado, pelo que não são propriamente informais, como é o caso de alguns médicos, advogados e até mesmo contabilistas. Sasaki (2009, citado em Esteves & Menezes, 2020) ressalta que os trabalhadores informais assim como qualquer outra pessoa fora de um sistema formal de trabalho registado, pode contribuir para o direito da segurança social de diversas formas, pois sabe-se que nada impede que uma pessoa que não se encontra inserida no mercado de trabalho formal possa contribuir de modo a obter direito a certos benefícios.

A ILO (2013, citado em Esteves & Menezes, 2020) define os trabalhadores do setor informal como sendo pertencentes à classe social mais pobre, aos quais não dispõem de uma opção de rendimento, nem possuem um registo legal da produção dos seus bens e serviços. Já Webb *et al.* (2020) sugerem que existe uma certa ideia em associar os trabalhos informais à precariedade, mas que apesar de muitas vezes haver essa relação entre informalidade e precariedade, o trabalho informal pode não necessariamente ser precário. Isto porque trabalhadores de países em desenvolvimento podem considerar que possuem vínculo empregatício vitalício mesmo sem serem trabalhadores formalmente registados, mas admite também que possa haver situações em que estes tenham de aceitar condições menos favoráveis para que se mantenham empregados.

De acordo com Manzano *et al.* (2021), o Brasil até os anos de 1980 desenvolveu-se no setor da indústria, chegando mesmo a alcançar a oitava posição como potência económica mundial. O mercado de trabalho, que era composto de forma prioritária pela vertente agrícola, foi com isto transformado num mercado laboral não-agrícola com grande diminuição das percentagens dos trabalhadores que pertenciam aos meios rurais, dando assim um início a uma vaga de migração para as áreas urbanas. Entretanto, isto não se traduziu em melhores condições de vida para a população brasileira, pois nesta altura, o governo tinha mais foco no desenvolvimento económico do país e menos nas questões laborais e sociais, apesar da existência de um sistema nacional social, este desenvolvimento económico alcançado não resolveu os problemas que caracterizam o mercado de trabalho brasileiro, e que Baltar (2003: p.199, citado em Manzano *et al.* 2021) os define como: “(...) *the low share of wages in production costs and as a share of total income; and the enormous asymmetry, dispersion and inequality in the distribution of both wages and other work income*”.

Segundo Manzano *et al.* (2021), estas questões levantadas advêm de um legado de escravatura e está relacionado com o quadro político institucional. Porém, mesmo com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), o Estado não conseguiu impedir a competição predatória que existia no país, pois havia também um certo estímulo da migração dos trabalhadores para os centros urbanos combinado com um ineficiente sistema de proteção do mercado de trabalho. Isto, de acordo com Francisco de Oliveira (2003, citado em Manzano *et al.*, 2021) gerou uma desigualdade regional ao qual a informalidade foi uma consequência da combinação da exploração do trabalho perante um Estado que não conseguia dar uma resposta a estas ineficiências do mercado. Assim, parte da população ativa nunca conseguiu de fato entrar no mercado de trabalho, mercado este que continua desorganizado, segundo Machado da Silva (1990, citado em Manzano *et al.*, 2021).

É importante ter a percepção de que a informalidade está presente em todas as economias, em menor ou maior grau, tal como sugerem Williams & Horodnic (2019). Alguns estudos sugerem que as variações no grau de informalidade nos países estão associadas a algumas explicações de teorias concorrentes, onde estas, em conjunto, podem facultar alguns determinantes da informalidade.

A *teoria da modernização* na literatura tem sido utilizada para explicar o fenómeno da informalidade numa relação da economia com alguns pressupostos, tais como o subdesenvolvimento, a ausência de atualização do governo, a corrupção do setor público, o atraso e o retrocesso quando comparados a uma economia moderna dita avançada e desenvolvida, onde aqui a ideia é que a economia informal deveria desaparecer à medida que a economia vai se modernizando e se desenvolvendo (Williams 2013; Williams 2015a; Williams 2015b; Williams & Youssef 2015; Williams 2017; Williams & Horodnic 2019).

Outra teoria concorrente tida em conta, a *neoliberal*, a qual está essencialmente ligada aos elevados impostos e à grande interferência do Estado no mercado, de forma a impor uma sobre-regulação em algumas categorias, como por exemplo, os empregos temporários. Nesta perspetiva, os participantes da economia informal escolhem esta posição de modo a evitar custos e burocracias de uma formalização (Williams 2015a; Williams 2015b; Williams & Youssef 2015; Williams & Horodnic 2019), onde segundo Williams (2015a: p. 743) “(...) *participation in the informal economy is a matter of choice and a rational economic response to high taxes, public sector corruption and a burdensome and excessively intrusive state*”.

Há ainda uma terceira perspetiva abordada, que é a teoria da *economia política*, a qual também é vista como uma *teoria estruturalista*, as quais estão vinculadas à ideia da falta de intervenção ou intervenções inadequadas ou insuficientes do Estado para proteger os trabalhadores da pobreza, ou à proteção social, ou mesmo no mercado de trabalho e na provisão do bem-estar, onde os trabalhadores são vistos também como grupos vulneráveis (Williams 2013; Williams 2015b; Williams & Youssef 2015; Williams & Horodnic 2019).

Finalmente, há uma última perspetiva abordada, a *teoria pós-estruturalista*, onde está subjacente a ideia de que indivíduos do setor formal, escolhem o setor informal motivados por uma escolha racional de estilo de vida. A este respeito, Williams & Youssef (2015: p. 152) afirmam que “(...) *it is argued from a post-structuralist perspective where informal sector entrepreneurs are viewed as social actors making a lifestyle choice*”. Tratando-se de um estilo de vida, o processo de integração do mercado informal é também influenciado pelas relações de parentesco, amizade, vizinhança e até tradição familiar.

Williams & Youssef (2015), num estudo ao empreendedorismo do setor urbano no Brasil, verificaram que havia uma passagem para a informalidade como resultado da “exclusão” por parte da sociedade e do Estado ou de uma “saída” de trabalhadores formais de forma voluntária.¹ Observando a ótica da “exclusão”, a insuficiência de oportunidades no mercado formal faz com que os integrantes deste setor informal sejam inevitavelmente excluídos.

Williams & Youssef (2015: p. 151) afirmam que a informalidade é:

(...) an absorber of surplus labour, provider of income-earning opportunities for the poor, a provider of goods and services that are often unavailable in the formal sector and a primary means of maintaining a low cost of living by providing cheaper goods and services than would otherwise be the case.

Portanto, a economia informal pode oferecer benefícios face à economia formal, como a facilidade de entrada no mercado de trabalho, a oportunidade de independência económica, a exclusão do pagamento de impostos e a regulamentação governamental ineficiente, sendo, portanto, desta forma um substituto à formalidade. Por outro lado, examinando a ótica da “saída”, a informalidade resulta de uma decisão voluntária de retirar-se da formalidade por mera opção, numa atitude racional económica por conta da regulação excessiva, ou até mesmo sendo vista como um estilo de vida. Para muitos que aderem à informalidade, há uma certa busca por benefícios que não foram encontrados no mercado formal, tais como horários mais flexíveis, facilidade na abertura de um negócio, melhores salários, entre outros aspectos.

Williams & Horodnic (2019) realizaram um estudo² abrangente que envolveu 112 países incluindo economias desenvolvidas e em desenvolvimento, retratando 90% da força de trabalho da população a nível mundial, e atestaram que a maior parte do emprego informal deve-se ao fator de subdesenvolvimento económico, falta de atualização do governo, menores taxas de impostos e como afirmam Williams & Horodnic (2019: p. 1434) “(...) *greater levels of public sector corruption, smaller government and lower levels of state intervention to protect workers from poverty*”. Estas conclusões vão de encontro com outras investigações, como é o caso de uma análise exploratória de 41 economias menos desenvolvidas, que inclui também o Brasil, do respetivo autor Williams (2015b), onde há uma ideia de que um baixo nível de emprego informal está associado a impostos mais altos porque há uma redistribuição económica e isto

¹ Para esse efeito foi utilizada uma pesquisa domiciliar realizada no Brasil através do IBGE referente ao seu último ano de divulgação que remete ao ano de 2003, onde entre outros aspectos, trabalhadores independentes e microempresas com no máximo cinco funcionários foram o foco de estudo desta pesquisa.

² Para este estudo foi analisado um banco de dados da Organização Internacional do Trabalho produzido em 2018 sobre a prevalência do emprego informal em 112 países (que inclui também o Brasil).

faz com que reduza a necessidade de trabalhar de tal forma, uma vez que parte da carga tributária é transferida para a proteção social.

Os mesmos argumentos são abordados numa investigação que analisou a dimensão da economia informal em 33 economias desenvolvidas e de transição, em que Williams (2015a: p. 759), acresce ainda o fato de que economias informais menores estão ligadas a “(...) *higher expenditure on social protection and labour market interventions to aid vulnerable groups, but also restrictive regulations on temporary employment (...)*”, isto porque há uma ideia de que trabalhadores temporários são facilmente contratados de forma informal, portanto existe essa necessidade de proteção e regulamentação para não fomentar a informalidade. Williams (2013) numa investigação em que analisa variações transnacionais na União Europeia chega às mesmas conclusões e isso revela que os mesmos pressupostos económicos e sociais que explicam a dimensão do setor informal em economias emergentes (ou de transição), também o explicam em economias desenvolvidas, como é o caso dos países pertencentes à zona euro.

Em relação às descobertas anteriores de que impostos mais baixos não conduzem à um menor grau de informalidade, não existe um consenso imediato na literatura, isto se tivermos em conta um estudo cuja investigação centrou-se em analisar um programa de formalização de empresas informais no Brasil. Segundo Rocha *et al.* (2018: p. 42), foi possível constatar que, “(...) *results indicate that while reducing registration costs has no effect on firm informality, reducing the tax burden does increase formalization*”. Portanto, no Brasil, a redução dos impostos teve como consequência o aumento da formalidade, indicando também que a maior dificuldade é subsistir no setor formal e não entrar no mesmo.

Esta relação de que a redução dos impostos na abertura de empresas, possa ter efeito na formalidade e, conseqüentemente, numa redução da economia informal também é revista numa pesquisa mais recente sobre a eficiência numa economia com um setor informal.³ Flórez (2019) confirma a existência de ineficiência neste tipo de economia e exhibe algumas políticas do mercado de trabalho que podem ser implementadas por uma entidade governamental de modo a corrigir esta ineficiência, estimular o emprego formal e aumentar a eficiência protegendo os trabalhadores, sendo elas sociais e económicas como a garantia de um sistema de segurança social na forma de proteção social ao trabalhador, a existência de subsídios para a criação de emprego (por exemplo, a criação de empresas), e o pagamento de indemnizações para quando o trabalhador, por algum motivo, fique impossibilitado de trabalhar. Há também uma política chamada de crédito tributário onde a carga tributária passa a ser mais baixa numa fase inicial,

³ Este estudo foi realizado com base em dados do Banco Central da Colômbia.

em que o trabalhador está a ser atraído para sair do setor informal para o formal. Esta última política é a que se revela ser verdadeiramente eficiente, pois segundo Flórez (2019: p. 399) “(...) *these workers have a higher probability of finding a higher-productivity job in the formal sector, which in turn increases the overall efficiency of the economy*”.

Num modo controverso, existem argumentos sobre políticas do mercado de trabalho que estimulam a informalidade, como por exemplo o programa de segurança social com os subsídios de desemprego, onde estes não incentivam a procura pelo emprego formal por parte da população desempregada, isto se tivermos em conta que o governo não tem controle total do setor informal, estes incentivos não tornarão a informalidade menos atraente (Flórez, 2019). Outro argumento relacionado com o subsídio de desemprego é que este aumenta o custo da contratação no emprego formal, o que faz com que haja redução da formalidade e aumento da informalidade. Na Figura 1 estão demonstrados os impactos da informalidade.

Figura 1 - Impactos da informalidade



Fonte: Representação da Autora

Este conceito de que os incentivos, sejam eles governamentais (com a implementação de algum programa para facilitação da formalização) ou da simples existência de proteções sociais que estão inseridas no contexto da formalidade, segundo Andrade *et al.* (2016) nem sempre são atrativos para que indivíduos inseridos na conjuntura informal transitem para a formalidade. Um exemplo disto é uma experiência de campo que foi conduzida na cidade de Belo Horizonte no Brasil juntamente com a entidade governamental, em que o foco foi justamente perceber quais das medidas impostas pelo governo teriam mais resultados na adesão dos registos formais. Este estudo passou numa primeira fase por identificar as empresas informais e informá-las de todos os benefícios e vantagens de se tornarem formais, tais como uma maior facilidade de adesão ao crédito, autorização para participar em licitações públicas, o cumprimento de deveres

sociais e públicos, entre outros aspectos, assim como também foram advertidos das respetivas desvantagens de permanecer num ambiente informal, como a possibilidade de receber multas, ou da apreensão de mercadorias dado o fato de não poderem emitir faturas, limitando desta forma o crescimento e o desenvolvimento da empresa, entre outros aspectos negativos desta dialética que foram então explicados.

Esta primeira fase passou também por oferecer uma redução a zero do custo inicial, incluindo a contratação de um contabilista de forma gratuita, mas por tempo limitado. Nesta fase o que se conseguiu averiguar é que não houve uma grande adesão à formalidade. Foi inclusivamente relatado que decorreu apenas um processo de formalização, ou seja, em resultado destas medidas houve apenas uma empresa que aderiu ao modelo formal (Andrade *et al.*, 2016). Numa segunda fase, a intervenção de inspetores no método de fiscalização dos estabelecimentos através de notificações e, até mesmo, via encerramento dos mesmos e, só então, é que se verificaram mais adesões ao projeto de formalização. Este estudo deixou claro que nem sempre os incentivos conduzem a uma maior formalidade, mas sim a uma maior aplicação da lei e, como referenciam os autores Andrade *et al.* (2016: p. 25), “*More recent non-experimental studies in developing countries have found evidence that the degree of enforcement matters for labor informality (...)*”. Fica, portanto, evidenciado que os custos agregados e contínuos que resultam do processo de formalidade de uma empresa levam a que o empreendedor não veja benefícios em optar pelo mercado formal uma vez que estes custos podem representar um peso maior na sua decisão final e, como referenciam Andrade *et al.* (2016: p. 52), “*(...) it appears that few informal firms want to formalize unless they are forced to do so by enforcement*”. Este estudo oferece outras informações relevantes, como por exemplo o fato de que muitos indivíduos não sabem onde registar uma empresa, nem o custo para tal efeito, tampouco o tempo necessário para a conclusão da formalização. Outro fator apontado vai de encontro com argumentos já revistos de que é necessária uma otimização do aparelho burocrático, o que envolve processos de formalização e inspeção, juntamente com os incentivos, para que isso tudo em conjunto tenha um maior impacto nos processos de adesão à formalização.

Em contrapartida deste pensamento, de que os incentivos ao modelo formal são de todo ignorados, há uma pesquisa sobre a ligação entre as condições de crédito e formalidade no Brasil, que obteve como efeito uma maior adesão ao setor formal.⁴ Esta pesquisa deixou evidente que houve um conjunto de fatores que contribuíram para este resultado, como as

⁴ Esta pesquisa foi realizada utilizando dados referentes ao Brasil dos anos de 2003 a 2010.

mudanças que houve a nível institucional há duas décadas quando o acesso ao crédito foi mais facilitado, na qual houve uma redução dos custos dos agentes intermediários e das suas respetivas comissões com taxas de juros mais reduzidas e também a existência de uma maior eficiência do sistema bancário com a criação de reformas do setor financeiro e com a credibilização do próprio sistema financeiro, reduzindo custos e prolongando os pagamentos dos empréstimos (pois com a nova reforma os empréstimos passaram a ser também de longa duração). Como refere D'Erasmus (2013: p. 2) “(...) *a period of sound macroeconomic policies contributed to the increase in credit and formalization*”.

Outros fatores apontados para esta maior adesão ao regime formal foi também o fato dos mercados internacionais passarem a permitir o acesso ao crédito por parte das empresas brasileiras, e tornaram-se favoráveis pela estabilização cambial, e associado a isto, baixas taxas de juro com quedas também da inflação. Esta possibilidade de abertura aos empresários no acesso a linhas de crédito nacionais e internacionais, fez igualmente com que o modelo formal passasse a ser mais vantajoso aos olhos dos empreendedores. Apesar dos próprios empresários reconhecerem que existe um custo associado à formalidade, ou à existência de formalidade, mas este constrangimento é verdadeiramente superado pelo acesso ao crédito e a garantia de pagamentos a longo prazo, que para estes empreendedores é fundamental, para a empresa não sufocar em prestações. Este estudo mostrou-se como sendo um dos principais pilares promotores do desenvolvimento do setor formal brasileiro, embora ficando subjacente a ideia de que estas empresas aderentes são empresas que querem crescer, produzir e vender dentro e fora do país, logo não se trata da esmagadora maioria de pequenas e microempresas criadas e pensadas apenas para sustentar as pessoas que nelas trabalham, que formam em sua grande parte o setor informal. Apesar de não haver uma ligação direta com o aumento da formalidade e do crédito e a diminuição do sector informal, esta investigação pode ter significância neste contexto da informalidade, mesmo que num pequeno contributo, por conta da chamada atratividade gerada para o setor formal.

Num olhar exógeno à problemática da informalidade, analisando uma investigação que se centrou em observar o impacto das sanções económicas no tamanho e crescimento das economias informais⁵, Early & Peksen (2019: p. 821) verificaram o seguinte:

“(...) the sanctions-induced economic disruptions and hardships in target economies distort the normal incentive structure that affected firms and

⁵ Este estudo incluiu 145 países com economias desenvolvidas e menos desenvolvidas.

individuals have for doing business in the formal economy, leading them to increase their participation in the shadow sector.”

Isto acontece porque as sanções alteram a forma como os indivíduos de um país sancionado participam na economia, tendo em conta que a sua relação comercial com o mercado externo passa a ser restrita resultando em dificuldades económicas e criando, portanto, incentivos para que empresas e indivíduos façam uma transição para o setor informal, onde este é visto como uma escapatória, ou então, numa ótica mais atrativa tendo em conta que as sanções podem restringir oportunidades de emprego e desempregar trabalhadores do setor formal cujas fontes de rendimentos são perdidas, ou gerar escassez de produtos antes disponíveis em mercados formais. Andreas (2005, citado em Early & Peksen, 2019) sugere que há uma impulsão de um comportamento económico crescente voltado para o informal. Há também o conceito de que o governo possa ser tolerante e conivente com a atividade informal, pois encontram neste género de atividade uma forma de contornar as sanções, mitigando desta forma as dificuldades económicas resultantes destas, entretanto estas atividades informais não são tributadas, o que força ainda mais os orçamentos governamentais que já estão a ser estrangulados pelas sanções, levando em consideração que possa surgir a partir desta tolerância um crescimento descontrolado da economia informal (Early & Peksen, 2019).

Outras fundamentações nesta dialética, é de que as empresas que são afetadas pelas sanções, têm maior probabilidade de deslocar os seus colaboradores para a informalidade de modo a reduzir custos, uma vez que Portes *et al.* (1989: p.30, citados em Early & Peksen, 2019:p.823) sugerem que “(...) *the best-known effect of the informalization process is to reduce the costs of labor substantially*”. Este estudo chama também a atenção para o fato de que os determinantes da informalidade não advêm apenas de fatores económicos internos e referentes à capacidade e qualidade do governo, porque mesmo que estes fatores estejam controlados, há que olhar para determinantes, tais como os choques económicos no formato das sanções, choques políticos (incluindo o fator de regimes mistos possuírem mais propensão ao acontecimento da informalidade do que num regime político único), guerras civis, terrorismos, catástrofes e até a própria geografia do país em questão no que diz respeito às suas fronteiras. Tudo isto pode causar perturbação e dificuldades na economia que resulta em mais informalidade (Early & Peksen, 2019).

Num estudo sobre a eficácia do governo para com os seus cidadãos e variações regionais na determinação do emprego informal, Jonasson (2013) desenvolve um modelo teórico em que assume o governo local e o grau de competências dos trabalhadores na influência da procura de emprego no setor formal ou informal. O autor comprova que há menor incidência de um

indivíduo ser empregue no sector informal em regiões que evidenciam melhor qualidade de governo na sua gestão e com uma população com um elevado nível de educação média.⁶ Nesta pesquisa é ressaltada a ideia de que a forma como os governantes fazem cumprir as leis, ou seja no modo como a lei é implementada e obedecida tem influência no nível de informalidade, assim como os fatores de corrupção, sendo este último, bastante abordado na literatura. Almeida & Carneiro (2009, citado em Jonasson, 2012) relatam que aplicações mais rigorosas das leis laborais, utilizando como indicador de medida o registo de multas emitidas, conduzem não só numa diminuição do emprego informal como no aumento do desemprego. E segundo Bologna (2016) os níveis mais altos de corrupção numa elevada economia informal, acarreta resultados económicos negativos com queda do PIB per capita.

Numa tentativa de perceber mais sobre os determinantes da informalidade no Brasil, foi analisada uma pesquisa de modo a descobrir se havia alguma relação entre o salário mínimo e o emprego, uma vez que foi levantada a questão de haver indicações de que um salário mínimo elevado poderia gerar o emprego informal dos grupos ditos vulneráveis que incluem jovens e pessoas com poucas qualificações (Broecke *et al.*, 2017).⁷ O que foi possível perceber é que a existência de um aumento moderado do salário mínimo em economias mais desenvolvidas não é visto como um modelo que de alguma maneira vá limitar a capacidade económica das empresas. Broecke *et al.* (2017: p. 383) justificam que “(...) *moderate increases in a minimum wage (...) are unlikely to lead to significant employment losses.*” Em relação à persistência de um salário mínimo elevado nas economias menos desenvolvidas em termos globais não prejudica de forma visível a capacidade empregadora dos países (Broecke *et al.*, 2017).

Nos últimos anos, o Brasil sofreu algumas mudanças que segundo Manzano *et al.* (2021) resultaram em mudanças políticas, económicas e sociais com reflexos significantes no mercado de trabalho. No respetivo ano de 2016, o governo de posicionamento à esquerda de Dilma Rousseff ex-presidente do Brasil pelo Partido dos Trabalhadores (PT), sofreu um *impeachment*, dado às investigações dos escândalos de corrupção que se seguiram pelo país, em que a investigação ficou conhecida como Operação Lava Jato. Esta apontou irregularidades na petrolífera brasileira Petrobrás e o envolvimento do PT, o que causou uma desconfiança no governo e um desconforto da população face às conclusões da investigação. Este acontecimento teve impactos diretos nas alterações da regulação do mercado de trabalho e das leis em vigor da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Com a saída da ex-presidente Dilma Rousseff e

⁶ Este estudo utiliza dados sobre o trabalhador brasileiro em mais de 5.500 municípios do Brasil.

⁷ Este estudo foi realizado com 14 principais economias emergentes, onde os estudos por cada país somaram 96 estudos.

a entrada do governo do também ex-presidente substituto Michel Temer nos anos compreendidos entre 2016 e 2018, as leis laborais sofreram uma modernização, em que houve uma alteração em mais de cem pressupostos trabalhistas, que foram percebidos como uma profunda redução dos direitos laborais, e inclusivamente não teve em conta a proteção da população ativa que compõem o setor informal. Assim, foram criados instrumentos que fizeram surgir os trabalhadores autónomos e os intermitentes. Estas ações foram vistas como uma precarização do trabalhador formal e informal em que elementos da informalidade passaram a ser integrados na formalidade dos contratos de trabalho. Com a chegada do novo governo do presidente Jair Bolsonaro no ano de 2019, houve uma afirmação destas políticas que incorporou e normalizou elementos da informalidade no que é compreendido como formal, numa tentativa de estratégia de controle da informalidade. Entretanto, o que foi observado é que as iniciativas de simplificação da regulamentação destas respetivas leis, coincidiram com a existência de uma precarização do mercado de trabalho e do setor informal, resultando assim em uma reversão da tendência da formalidade, pois a informalidade é uma característica estrutural que advém de uma incapacidade da própria economia (Manzano *et al.*, 2021).

Estudos realizados pelo IBGE (2019), apontam para um mercado de trabalho brasileiro em que há a proeminência de altos valores de informalidade, baixas remunerações e desproporções no que toca aos rendimentos. Nos anos mais recentes, a economia brasileira tem vivido algum dinamismo económico, em que houve momentos de crescimento do PIB, robustez do mercado laboral e também alguns anos de instabilidade. De acordo com o IBGE, na conjuntura em que houve pouco crescimento económico, a economia sofreu um impacto negativo no mercado de trabalho, sendo que isso se refletiu no aumento da desocupação e fez com que aumentasse a proporção de trabalhadores informais, o que foi visto de forma positiva como um método de redução do número de pessoas que se encontrava em estado de pobreza. Outro aspeto relevante que este estudo demonstrou é que a informalidade é mais visível nas regiões Norte e Nordeste do país e, no ano de 2018, a proporção dos trabalhadores em atividade informal atingiu 59.2% na Região Norte e 56.3% na Região Nordeste como demonstra a Tabela A1 nos anexos.

CAPÍTULO III

Dados e Metodologia

A dissertação realiza um estudo de caso, pelo fato da não existência de informação estatística disponível no âmbito do setor informal no Brasil. O IBGE não dispõe de séries longas com periodicidade, não reunindo informação suficiente para um estudo econométrico. Foi verificado apenas dois anos de estudo aprofundado sobre este tema, nomeadamente o ano de 1997 e o ano de 2003.

A pergunta de partida ou questão da pesquisa associada a este estudo consiste em saber quais são os determinantes da informalidade na economia brasileira. Esta questão procura compreender melhor a problemática da informalidade no Brasil pois é preciso perceber aquilo que influencia a elevada taxa de informalidade registada no país. Neste sentido foi feita uma revisão da literatura de modo a compreender melhor os aspectos e especificidades deste fenómeno e também foi feita uma recolha de dados qualitativos para dar resposta à esta questão.

O objetivo geral é descobrir se a bibliografia aponta para evidências que poderemos encontrar ao utilizar as fontes de informação empírica, e a recolha de dados utilizando de métodos qualitativos, ou seja, perceber se os determinantes da informalidade encontrados em investigação pelos autores em seus artigos também se aplicam ao Brasil ou se serão encontradas outras evidências de determinantes que contribuam para a informalidade. A revisão da literatura ressaltou alguns indicadores utilizados em pesquisas, assim como aspectos que são vistos como condicionantes da informalidade que podem ser retratados como condições macroeconómicas e microeconómicas (Williams & Horodnic, 2019; Williams & Youssef, 2015). Seguindo esta lógica, o objetivo específico é determinar quais são estas características macroeconómicas e microeconómicas que explicam a informalidade, para dar resposta à pergunta geral de investigação.

Relativamente à metodologia utilizada, a dissertação seguirá um estudo qualitativo através da utilização de entrevistas semiestruturadas e acompanhadas das suas respetivas gravações como recolha de dados, elas serão fonte de informação da realidade e dos fenómenos que não são possíveis ser transmitidos em dados numéricos, com o objetivo de extrair fatores que permitam compreender as razões e motivações pelas quais empregados e empregadores optam trabalhar na informalidade, e de modo a tentar responder à pergunta de partida (Sousa, 2019; Batista *et al.*, 2017; Coutinho, 2014; Bardin, 1979). Outro objetivo é verificar se as entrevistas

apontam para novas evidências ou se vão de encontro com ideias defendidas pelos autores cujos artigos fizeram parte da composição da revisão da literatura desta dissertação. Silverman (2000, citado em Coutinho, 2014: p. 151) afirma o seguinte:

“As entrevistas são uma poderosa técnica de recolha de dados porque pressupõe uma interação entre o entrevistado e o investigador, possibilitando a este último a obtenção de informação que nunca seria conseguida através de um questionário, uma vez que pode sempre pedir esclarecimentos adicionais ao inquirido no caso da resposta obtida não ser suficientemente esclarecedora.”

É de se realçar que este método de recolha de dados também é utilizado pelo IBGE nos estudos, investigações, pesquisas e estatísticas que conduz periodicamente. Quanto ao número da quantidade de entrevistas a obter, foi sugerido que para este formato de investigação seriam necessárias entre 15 e 20 entrevistas no máximo, quantidade que se considera suficiente para atingir o ponto de saturação, isto é, quando novas entrevistas não acrescentam informação adicional às já realizadas (Rego *et al.*, 2018).

Quanto à população e amostra, as entrevistas foram realizadas a cidadãos que residem no território brasileiro, mais especificamente no distrito de Santa Catarina e São Paulo, as quais foram realizadas entre Fevereiro de 2020 e Março de 2022. Os perfis foram determinados com base nas definições e pressupostos encontrados na revisão da literatura (Williams 2015; Williams & Horodnic 2019; ILO 2020). Assim sendo, foram criados os perfis dos candidatos às entrevistas, como o trabalhador autónomo, o colaborador informal, o colaborador aqui neste estudo chamado de misto, o empreendedor e microempreendedor e os sindicatos. Foram criados guiões para as entrevistas com perguntas específicas de forma a possibilitar a obtenção dos dados desejados para a investigação. Também foi adaptado e incluído um guião para colaboradores informais de modo a fazer uma atualização das entrevistas devido a crise sanitária de COVID-19, que aconteceu durante o período desta investigação.

O trabalhador autónomo foi escolhido como um dos perfis a ser entrevistado porque é aquela pessoa que se encontra na informalidade e que não possui um contrato de trabalho nem vínculo empregatício, trabalha por conta própria, não possui inscrição no MEI (Microempreendedor Individual) em que esta inscrição consiste em obter um CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica) que é o mesmo que o NIF (Número de Identificação Fiscal) empresarial e possibilita assim, emitir uma fatura de algum serviço prestado. Portanto, é um trabalhador que não contribui com o pagamento de impostos, nem faz outras contribuições, também não declara os seus rendimentos. Este participante até poderá fazer alguma contribuição para algum sistema de seguridade, como por exemplo a aposentadoria, pois no

Brasil é possível que uma pessoa faça contribuições para obter no futuro alguma seguridade. Mas isso não faz dele um trabalhador formal, pois para isto deveria preencher todos os pressupostos da formalidade.

O colaborador informal foi escolhido como candidato para as entrevistas porque é o trabalhador que está inserido numa empresa, seja ela formal ou informal. Ele não possui contrato de trabalho, não desconta para nenhum órgão de seguridade, tampouco os seus contratantes fazem tais contribuições, este agente também não declara seus rendimentos, ou seja, mais uma vez não possui os pressupostos de uma formalidade. Também é de se ressaltar que este colaborador pode contribuir por conta própria para algum sistema de seguridade por livre e espontânea vontade como já foi revisto na revisão da literatura pelo autor Sasaki (2009, citado em Esteves & Menezes, 2020).

O trabalhador definido nesta investigação como trabalhador misto foi escolhido como um perfil a ser também entrevistado. A escolha recaiu sobre o fato deste trabalhador possuir duas formas de trabalho uma formal e outra informal em simultâneo. Este colaborador faz parte do quadro de funcionários de uma empresa com um contrato de trabalho em vigor, tem um vínculo empregatício com todos os direitos que um trabalhador formal possui assim como os seus respectivos deveres, desde toda seguridade social envolvida até às declarações de renda. Ao mesmo tempo que este colaborador tem seu emprego formal, ele possui outra atividade em paralelo, em que nesta segunda ele não declara os seus rendimentos nem efetua o pagamento de impostos. Esta atividade paralela pode ser entendida apenas como alguns trabalhos casuais ou mesmo de rotina.

Os empreendedores e os microempreendedores foram escolhidos como perfil a serem entrevistados por serem agentes ativos na contratação de trabalhadores de forma informal, sejam empreendedores cujas empresas são de médio ou grande porte, seja um microempreendedor com uma microempresa. Pode haver, portanto, uma combinação em que empresas formais contratam trabalhadores informais, ou microempresas informais contratam trabalhadores também informais, ou por último microempresas formais que contratam os trabalhadores informais.

As empresas ou microempresas⁸ contratam trabalhadores na informalidade e não prestam contas sobre este colaborador, pode ser alguém que de fato trabalha de forma diária na empresa em questão sem um contrato de trabalho, ou pode ser uma contratação de serviços prestados

⁸ Empresas na área do comércio e serviços que sejam de pequeno porte possuem entre 10 e 49 funcionários. Este dado foi obtido junto do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) é uma entidade privada brasileira de serviço social sem fins lucrativos

por outros trabalhadores informais externos à empresa, em que em ambos os casos não se faz nenhuma declaração ou prestação de contas, tampouco algum tipo de contribuição social para estes colaboradores.

Os sindicatos foram escolhidos como um perfil a ser entrevistado porque eles lidam diretamente com trabalhadores e com os empresários no quotidiano, e conhecem muito bem todo este contexto do mercado de trabalho, das contratações e, conseqüentemente, da informalidade. Neste contexto seria uma opção de grande relevância para dispor de uma percepção mais abrangente de um coletivo, de modo a compreender melhor este fenómeno da informalidade. Foi escolhido um setor em que houvesse uma maior facilidade de identificar trabalhadores informais, como por exemplo a área do comércio ou da restauração.

Relativamente ao procedimento utilizado na preparação da realização das entrevistas, implicou o cumprimento de alguns requisitos metodológicos (Sousa, 2019; Coutinho, 2014). Foram previamente preparados os guiões para cada perfil de participante, de forma a extrair respostas sobre o tema em questão, os quais disponíveis nos anexos (Anexo A ao Anexo E). Foi elaborado um documento de consentimento informado de modo a esclarecer os participantes do âmbito da investigação e do seu anonimato e mais, neste documento é pedida uma rubrica de cada entrevistado como demonstração de consentimento das entrevistas cedidas da sua respetiva gravação para serem documentadas. Os consentimentos foram devidamente rubricados e documentados, cujo modelo encontra-se disponível no Anexo F.

No que diz respeito aos participantes, o número obtido de entrevistas foi de encontro com que foi previamente sugerido. Inicialmente haviam dezasseis entrevistas, mas entretanto com o período de pausa da investigação e devido à crise sanitária do COVID-19, foi novamente sugerido que se acrescentasse entre duas e quatro entrevistas de modo a atualizar a pesquisa por conta do período pós pandémico que ainda se vive. Assim sendo, foram conseguidas mais duas entrevistas que decorreram em Março de 2022.

É de ressaltar que as entrevistas obtidas e a sua quantidade, foram o que foi possível angariar dentro dos perfis que eram desejados e que faziam sentido para a investigação. Neste sentido foi feita uma prévia seleção com algumas questões ao candidato a participante deste projeto, de modo apenas a verificar se o mesmo teria o perfil que se enquadrava dentro do que era pretendido, que eram no caso colaboradores informais ou autónomos, empresários ou microempresários que contratavam trabalhadores informais e trabalhadores mistos (que possuem trabalho formal e informal em simultâneo). Quanto aos sindicatos não havia um determinado perfil, porque estes não são tratados como pessoas no singular, mas sim como um

coletivo que representa trabalhadores e também empresários. Por último, foram incluídos mais dois participantes num período pós-pandémico.

Foram obtidas e realizadas um total de dezoito entrevistas no Brasil de forma física e presencial em dois locais geograficamente distintos, o distrito de São Paulo que se localiza na Região Sudeste do país e no distrito de Santa Catarina que se localiza na Região Sul do país. Isso ocorreu apenas por uma questão da investigadora ter estado presente em ambos os locais e assim, conseguir recolher dados qualitativos de duas regiões distintas. Das dezoito entrevistas disponíveis, seis foram realizadas no distrito de São Paulo e as restantes doze foram todas realizadas no distrito de Santa Catarina. As entrevistas foram realizadas em Fevereiro de 2020. Houve uma pausa na investigação, a qual foi novamente retomada no ano de 2022 com duas entrevistas adicionais, realizadas em Março deste mesmo ano.

Relativamente à duração das entrevistas, existem entrevistas com durabilidade mínima de gravação com oito (00:08:02) minutos aproximadamente, até uma durabilidade máxima de gravação com uma hora e dezassete minutos (01:17:00), somando um total de gravação com quatrocentos e sessenta e seis minutos e setenta e cinco segundos (466.75), resultando num total aproximado de oito horas e dezoito minutos (8:18:00) gravados.

As entrevistas foram todas transcritas na sua íntegra para uma devida documentação das gravações, e de modo a ser feita a análise da recolha de dados, e dos respetivos resultados. No que diz respeito ao número de páginas das transcrições das entrevistas, os documentos com menor número de páginas são dois, ambos contém dez páginas, enquanto que a transcrição das entrevistas com maior número de páginas é uma entrevista com oitenta páginas transcritas. A soma do número de páginas transcritas das dezoito entrevistas é de quatrocentos e oitenta páginas. As transcrições encontram-se disponíveis mediante solicitação.

Tratando-se da amostra disponível, cada participante recebeu uma legenda nas transcrições das entrevistas com a letra “P” que variava conforme o participante. Por exemplo, o primeiro participante a ser entrevistado passou a ser identificado como P1, o segundo participante a ser entrevistado passou a ser identificado como P2, e assim sucessivamente. No mesmo sentido, foi dada uma legenda à autora desta investigação e entrevistadora que passou a ser identificada com a letra “E”. Relativamente aos dezoito participantes, três são referentes aos participantes que representam os sindicatos, portanto algumas informações pessoais como género, escolaridade, idade entre outras informações não são discutidas, porque como já foi referido os sindicatos representam uma coletividade e não uma pessoa no singular. Os sindicatos serão utilizados graficamente apenas para reconhecimento e identificação da amostra, mas a nível

daquilo que se pretende das perguntas, respostas e resultados obtidos, são diferenciados dos restantes participantes.

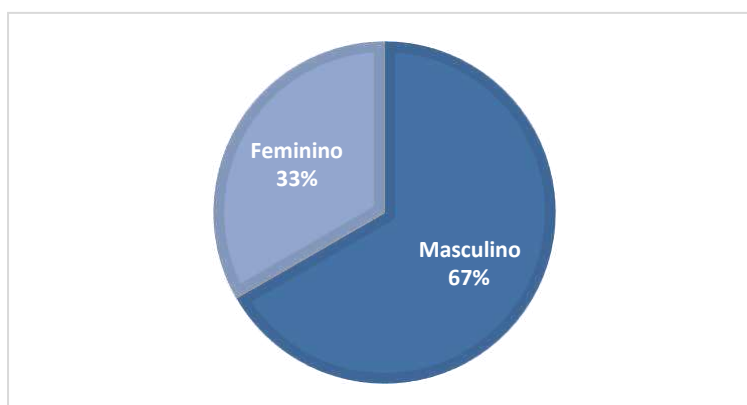
É possível verificar na Tabela 2, que três dos participantes são dos sindicatos, quatro dos entrevistados são trabalhadores mistos, cinco são empresários e microempreendedores e seis dos trabalhadores são colaboradores informais. É de realçar que, apesar do perfil dos trabalhadores autónomos terem sido escolhidos para serem entrevistados, não se foi possível obter nenhuma entrevista deste grupo.

Tabela 2 – Identificação dos participantes entrevistados por grupos

População	Identificação das Entrevistas	N
Colaborador Informal	P7; P11; P13; P15; P17 e P18.	6
Empresários	P2; P3; P5; P6 e P14.	5
Mistos	P1; P4; P10 e P12.	4
Sindicatos	P8; P9 e P16.	3

A amostra do estudo é composta por 67% dos participantes que são do género masculino e 33% dos participantes são do género feminino, como é possível verificar na Figura 2.⁹

Figura 2 – Género dos participantes



Respeitante a nacionalidade dos quinze participantes que importam verificar, a sua maioria são da nacionalidade brasileira, constituindo assim um total de quatorze participantes e apenas um participante é de origem estrangeira, nomeadamente o P14 que pertence ao grupo dos empresários, cuja nacionalidade é portuguesa.

⁹ Os três participantes que representaram os sindicatos não entram para esta estatística.

CAPÍTULO IV

Análise de Conteúdo e Resultados

Para uma melhor análise do conteúdo das entrevistas e de forma a facilitar a observação das respostas obtidas, foram elaboradas tabelas com as questões que foram feitas durante as entrevistas utilizando um guião para cada participante. Estas tabelas foram preenchidas com os dados extraídos de cada transcrição acompanhados de cada gravação, resultando num resumo das respetivas respostas dos entrevistados. Segundo Bardin (1979: p. 45) “(...) a análise documental tem por objetivo dar forma conveniente e representar de outro modo essa informação por intermédio de procedimento de transformação.” Estas tabelas estão disponíveis nos anexos (Tabela A2 à Tabela A19).

Perante os resultados das entrevistas foi possível verificar numa primeira instância que os participantes que são empreendedores possuem níveis de escolaridade mais elevados com ensinos superiores, técnico, pós-graduação e ensino secundário. Os trabalhadores mistos seguem esta mesma tendência. Há um participante com dois cursos superiores e outros com ensino secundário. Já os colaboradores informais na sua generalidade possuem os níveis de escolaridade mais reduzidos, apenas com o ensino secundário, secundário incompleto, ensino básico e apenas um participante possuía o ensino superior incompleto. Isto reforça a ideia já observada na revisão da literatura em que tende a existir uma relação entre os trabalhadores que são apenas informais e um grau de literacia mais reduzido.

Foi possível observar que relativamente aos trabalhadores informais, dos seis inquiridos, todos estão na informalidade por uma questão de necessidade de uma certa forma, com exceção de uma participante. Dois participantes respondem de forma direta, que o motivo é mesmo necessidade, enquanto que três participantes ficaram desempregadas, logo necessitam de trabalhar, sendo a informalidade a única opção disponível. É de ressaltar que destes três trabalhadores que ficaram desempregados dois relataram estar nesta situação por conta da pandemia de COVID-19, em que perderam os seus postos de trabalho, nomeadamente a participante P17 e P18. A participante P7 diz que não vê muitos benefícios em trabalhar de forma formal, e refere preferir receber o seu ordenado por inteiro sem efetuar nenhum desconto, pois pretende investir num negócio. Esta participante demonstra uma certa desconfiança com o emprego fixo e formal, ao referenciar que muitas pessoas que trabalhavam dez ou vinte anos de forma regularizada perderam igualmente os seus postos de trabalho, e vê na sua autocriação de

emprego uma melhor solução para o seu futuro. Todos os restantes trabalhadores demonstraram que gostariam de ter um trabalho formal se tivessem uma oportunidade, desde que não recebessem muito pouco. Isto leva a uma questão que tem sido levantada por esta classe de trabalhadores e pelo tecido empresarial em que os trabalhadores inseridos na formalidade recebem menos em valor, pois como a entidade patronal tem altos custos com os seus colaboradores, não podem assim pagar salários mais elevados. Isso já foi referido inclusivamente pelos empresários. Outra preocupação para alguns participantes é a carga horária. A participante P18 prefere ter mais qualidade de vida e ter um horário de trabalho mais comercial, de segunda a sexta-feira e no máximo trabalhar no sábado de manhã. E mais, não vê nenhuma vantagem em trabalhar informalmente, sendo que sempre trabalhou na formalidade e só vê vantagens em o fazer. Neste sentido, o entrevistado P11 chega mesmo a referir que ter uma carga horária pesada em que se trabalhe muito e se receba pouco é muito penalizador (“eu me tornaria um escravo”). Apesar de tudo isto, há uma certa preocupação generalizada com os descontos para a seguridade, os direitos laborais, o auxílio em caso de um acidente e a aposentadoria.

Relativamente aos trabalhadores do chamado sistema misto, o que se pode observar é que de fato trabalham informalmente por um motivo em comum, o rendimento extra salarial que recebem, pois é visto como um complemento. Apesar de terem alguns pontos em comum, têm muitas particularidades. Dois dos quatro participantes possuem uma visão mais empresarial, ambos estão inseridos em projetos que lhes dão perspectiva de crescimento profissional e financeiro, realização pessoal e satisfação. O participante P1 refere muitas vezes que se sente útil, livre e que gosta de trabalhar nas variadas áreas que desempenha suas atividades. Ele trabalha formalmente numa empresa como gestor financeiro, empresa esta que lhe dá grandes perspectivas de crescimento profissional, e ainda possui mais três atividades. Já o participante P12 também tem grandes aspirações na atividade em que desempenha, tanto que pretende ser o dono da própria empresa em que trabalha. Ambos referem e demonstram que não trabalham formalmente preocupados com a seguridade social. O P12 quando questionado sobre a segurança que o trabalho formal poderia proporcionar-lhe respondeu inclusivamente: “Não! Não..., nem penso nisso” e complementa que “não há segurança no nosso país!”. Ele pratica o trabalho extra desempenhando a mesma atividade, e diz ter muito amor e satisfação naquilo que faz, para além disso é senhorio como forma de preservar a sua futura aposentadoria. Quando questionado do porquê de ainda se manter no seu trabalho fixo, acrescenta que apesar de conseguir os seus objetivos financeiros na informalidade, o formal ainda lhe é financeiramente útil.

Enquanto isso, os outros dois participantes deste modo de trabalho, nomeadamente o P4 e o P10, demonstram ter mais apreço pela segurança que a formalidade lhes proporciona. O participante P10 tem o seu trabalho extra como motorista de aplicativo, mas tem a ambição de conquistar um trabalho melhor, em que não precise mais deste complemento salarial. Já o participante P4 vê o trabalho extra que desempenha na informalidade com um grande peso no seu rendimento mensal, referindo que recebe cerca de 60% a mais do que no seu emprego formal e acrescenta que ainda teria capacidade de aumentar esta percentagem, enquanto que no seu trabalho fixo não possui esta possibilidade. Este último participante acusa a sua participação no mercado informal como resultado de uma grande concorrência que pode ser considerada predatória, em que o seu salário nos últimos anos foi reduzido a apenas 25% daquilo que recebia outrora. De um modo geral estes dois participantes não desgostam do seu trabalho extra, o entrevistado P4 até mostra algum entusiasmo, mencionando que gosta e que se sente estimulado e acrescenta, que tem sido uma mais-valia para sua carreira profissional por ter aprendido mais. Entretanto, já havia expressado que gostaria de ficar apenas na sua área de formação.

O grupo específico dos empresários e microempreendedores que foram entrevistados possuíam empresas em situação de formalidade e todos efetuavam contratações ou de colaboradores informais na respeitante empresa, ou de prestadores de serviços externos informais, e também foi verificada uma empresa que praticava ambas as situações. Neste contexto, mais se afirma que, três empresários de acordo com as regras estabelecidas no Brasil possuem empresas de pequeno porte, pois têm entre 18 e 22 funcionários a trabalhar nas mesmas. E os dois restantes empresários pertencem às microempresas pois possuem entre 3 e 7 funcionários. Mais se verifica, que são todas empresas não familiares, ou seja, foram criadas pelos próprios donos e empresários, sempre formalmente desde a sua abertura, com exceção de um empresário (o P2), que iniciou a atual empresa na informalidade, por não dispor de meios financeiros para a abertura da mesma.

Dos cinco empresários, dois não possuem colaboradores informais nas suas instalações. Mais especificamente, o entrevistado P2 possui 18 funcionários a trabalhar em sua empresa formalmente, mas mantém uma certa parceria com trabalhadores externos informais, em que não existe nenhum vínculo e também não é apresentada nenhuma fatura. O empresário explica que o faz por uma questão social, porque são pessoas muito carenciadas e que muitos não sabem nem escrever, afirmando assim, dar uma oportunidade a estes trabalhadores. Isto vai de uma certa forma de encontro com outros resultados obtidos nesta investigação, em que indivíduos com menos literacia desempenham apenas o trabalho informal. Tratando-se do participante P5,

ele apenas contrata “freelancers”¹⁰ para trabalhos ocasionais por conta da procura de trabalho que aumenta nos fins de semana devido a sua atividade.

Relativamente ao entrevistado P3, ele possui uma média de 80% dos seus trabalhadores no regime formal, e 20% dos trabalhadores em regime informal. Este também contrata prestadores de serviços informais na forma de “freelancers”, mas diz não gostar muito de os contratar, porque eles não são treinados pela sua própria empresa, e não os considera de muita confiança para prestar um bom serviço aos seus clientes. O motivo de manter essas contratações informais é o alto custo que um trabalhador formal tem para a empresa, e acrescenta que há trabalhadores que preferem receber seus salários todo na íntegra sem descontar e sem declarar rendimentos. Com esta mesma linha de pensamento, o participante P6 possui 7 funcionários a trabalhar em sua empresa, sendo apenas 1 formal. Segundo o empresário P6, isto acontece porque trabalhadores preferem trabalhar desta forma, como se fossem prestadores de serviço, porque se eles passam a ser registados recebem menos, e também optam não prestar contas dos seus rendimentos. Já o último empresário inquirido, o P14, possui 3 funcionários, sendo eles 2 informais e apenas 1 formal. Ele atribui o motivo à sazonalidade e por não ter uma estrutura que sustente manter trabalhadores formais nos meses de pouca produção, pois afirma que os paga ao dia e não ao mês.

Durante as entrevistas, foi possível verificar uma ideia generalizada dos empresários independentemente de contratarem trabalhadores informais fisicamente na empresa ou não. Eles entendem que os impostos e as contribuições a que são sujeitos na contratação e na manutenção dos funcionários, assim como os custos associados aos despedimentos são abusivos. E que de um certo ponto o Estado é visto por alguns como um inimigo, mas referem que não deveria ser assim, defendem que o governo deveria ter a franja empresarial como parceiros, pois estes são geradores de empregos. Concordam que deveria haver incentivos fiscais, e redução da carga fiscal de modo a estimular o empresariado brasileiro a contratar funcionários mais bem pagos e dentro da formalidade, pois relacionam o fenómeno da informalidade com a incapacidade que as empresas dispõem de fazer face a toda esta legislação trabalhista. E mais se verifica que alguns empresários que contratam seus trabalhadores informais têm algum receio da fiscalização, como é o caso do inquirido P3, que diz o seguinte: “Seria um privilégio se todo mundo, se você pagasse tudo 100%, e você não vivesse com aquela fantasma da fiscalização.” Mas para outros, a fiscalização intensiva foi apontada como uma medida de promoção a formalidade. Apesar disso, alguns deram a entender que continuarão a

10 Freelancers são prestadores de serviços autónomos.

contratá-los nos mesmos termos, e outros referenciaram que vão pedir para que seus colaboradores informais inscrevam-se no MEI (Microempreendedor Individual), pois assim serão microempreendedores individuais em que passam a ser prestadores de serviços, podendo inclusive emitir fatura e desta forma perante a lei, deixarem de ser trabalhadores informais.

A opinião dos sindicatos dos trabalhadores sobre esta matéria da informalidade é muito clara. Para eles o governo de Jair Bolsonaro juntamente com o governo de transição anterior a este (o de Michel Temer), têm vindo a fazer um desmonte da legislação e dos direitos que protegem os trabalhadores. Eles entendem que a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) foi precarizada e foram criadas várias formas de trabalho, sendo que uma delas destacada é o contrato de trabalho intermitente, que segundo o sindicato o empregador não paga um salário, mas sim horas trabalhadas. Também comentaram sobre o MEI (Microempreendedor Individual), em que ao invés de contratarem os trabalhadores através de um contrato de trabalho formal com os devidos pagamentos dos encargos que dão seguridade ao trabalhador, o que o MEI faz é transformar o trabalhador informal num prestador de serviços, em que ele é contratado quando é necessitado e depois fica no desamparo. Essa é uma nova legislação, os trabalhadores desta forma aos olhos da lei não estão informais, mas para o sindicato dos trabalhadores no comércio isto tem características de informalidade. Relativamente ao Sindicato dos Trabalhadores dos Hotéis, Bares e Restaurantes, Turismo e Hospitalidade, o P16, de uma forma generalizada partilha das mesmas preocupações, e acrescenta que o trabalhador afastou-se do sindicato. Ambos os sindicatos preveem tempos muito difíceis com este governo presidido por Jair Bolsonaro, e um deles tem mesmo medo da extinção sindical. Dizem que o sindicato perdeu muita força. E afirmam que o que podem fazer relativamente a todo este cenário é informar os trabalhadores dos direitos que estão a perder com estes governos e auxiliá-los quando a ajuda é requerida. E acrescentam que muitos trabalhadores só têm noção dos seus direitos quando são despedidos de forma injusta, só então é que percebem que foram prejudicados.

O Sindicato dos Empresários dos Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares, o P9, afirma que o problema da informalidade no Brasil, são os altos custos e encargos que os empresários têm com os seus funcionários. O presidente do sindicato afirma que o governo precisa baratear o custo do emprego, pois é muito alto para a empresa e que segundo ele: “(...) o governo está abocanhando (...) parte desses lucros (...)”. Afirma que o governo está a fazer algo para reduzir estes custos, com a formulação da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Quando perguntado sobre a informalidade revelou que nenhuma empresa pode ter trabalhadores informais nos seus quadros, que devem agir dentro da formalidade, e que a informalidade não

é uma ilegalidade. E afirma: “*Eu tenho que usar a informalidade de forma legal*”, acrescentando que a orientação do sindicato é que tudo seja feito dentro das regras e da formalidade. Também realça que muitos empresários iniciaram atividade como trabalhadores informais, começaram a desempenhar alguma atividade, cresceram no mercado e hoje são empresários. E conclui a entrevista a dizer seguinte: “*O trabalho informal sempre existiu, existe e sempre vai existir!*”.

CAPÍTULO V

Conclusão

O objetivo desta dissertação foi identificar quais são os determinantes da informalidade na economia brasileira através da realização de um estudo de caso, utilizando métodos qualitativos e, mais especificamente, a análise de entrevistas realizadas a partir das suas gravações e transcrições. E a partir disto verificar se os determinantes observados nesta investigação vão de encontro com a revisão da literatura, ou se de fato serão encontradas novos determinantes que contribuam para esta temática.

Nesta dissertação ficou evidenciada que de fato, os colaboradores que pertencem a um regime único e exclusivo informal na sua generalidade possuem níveis de escolaridade mais reduzidos. Mais se verifica que estes trabalhadores, juntamente com os colaboradores mistos com menor grau de escolaridade, são os que no passado mais praticaram o emprego informal, existindo assim uma ideia de continuação na informalidade. Outra constatação é que os colaboradores unicamente informais encontram-se nestes empregos na sua grande maioria por necessidade e pelo desemprego, mas preocupam-se com os direitos e a segurança que deixam de ter ao permanecerem na informalidade. Também se observa que alguns não encontram vantagem no trabalho informal, outros aceitam-no como forma de receberem um melhor rendimento mensal, apesar de terem em conta a falta de benefícios que a formalidade proporciona e que deixam de usufruir. Estes trabalhadores parecem encaixar-se mais numa ótica de exclusão social, em que veem no trabalho informal uma forma de suprirem as suas necessidades básicas de sobrevivência. No caso dos trabalhadores do sistema misto, o que se pode verificar é que não encontram-se numa situação de precariedade, como alguns trabalhadores unicamente informais demonstraram, pois possuem a segurança que a formalidade proporciona, além de um nível de escolaridade médio mais elevado. Eles trabalham informalmente como um complemento salarial, que em alguns casos tem grande peso no seu rendimento mensal. Alguns apontaram a sua entrada na informalidade devido à conjuntura económica, e uma alta concorrência. De um modo geral, são trabalhadores diferenciados no sentido de que, possuem aspirações de crescimento profissional e sentem-se de uma certa forma mais livres e realizados.

Relativamente aos pequenos empresários e microempresários, o que se pode verificar é que as microempresas possuem mais colaboradores informais nas suas próprias unidades do que

formalizados. Verificou-se que as empresas eram todas formais, apenas contratavam de uma certa forma os colaboradores não formais. Isto acontecia por várias razões, nomeadamente o fato dos próprios colaboradores pedirem para não serem formalizados de modo a receberem um maior salário sem se preocuparem com os seus próprios direitos laborais. Há também um outro fator que é transversal à maioria dos participantes, que é a problemática dos altos custos da contratação, manutenção e despedimento dos trabalhadores. Muitos empresários optam por este sistema informal por se sentirem sufocados pela pesada carga fiscal e os direitos laborais que o Estado impõe. Isto também faz com que muitas empresas sintam dificuldade em manter trabalhadores nos seus quadros, principalmente quando não possuem muita estrutura e estão numa fase inicial. Outra razão para que estas contratações informais também possam ocorrer é pela simples situação de sazonalidade.

Por último e não menos importante outro fator que foi identificado, é a má gestão dos governos e alguns casos de corrupção que surgem no Brasil. Ambos mostram-se como mais um fator de influência nos respetivos grupos pois, muitos falam no descontentamento que têm com a presidência de Jair Bolsonaro e também tiveram com os passados governos do partido comunista e dos escândalos que se sucederam como um fator de desmotivação de contribuição fiscal. O empresariado e seu respetivo sindicato veem neste governo uma melhor alternativa para as mudanças que consideram necessárias e dos seus interesses como a questão da reformulação das leis laborais e a diminuição da carga fiscal. Apesar do descontentamento de muitos com o governo anterior, o de Lula da Silva e Dilma Rousseff, na sua maioria do empresariado e poucos trabalhadores, outros demonstram o seu descontentamento com o governo do presidente Jair Bolsonaro, especificamente os sindicatos dos trabalhadores e alguns colaboradores informais. Estes últimos grupos apontam também como fator desencadeador da precariedade a reformulação da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), eles estão muito preocupados com os direitos que lhes foram retirados e que estão a deixá-los em situação precária. Segundo o sindicato P8, o governo está a concentrar a renda a poucos, e isto faz aumentar a desigualdade, e afirmam o seguinte: *“Se você tem a distribuição de renda, automaticamente você começa a reduzir a informalidade.”*

Num modo generalizado os grupos apontam algumas intervenções que podem ser realizadas de modo a reduzir a informalidade, e ao mesmo tempo promover a formalidade. Indicam que deveriam ser reduzidos os impostos e a carga fiscal, o fator burocrático também foi comumente apontado pelos vários grupos, a maioria concordava que deveria haver menos burocratização. Outras medidas foram apontadas como por exemplo, a intensificação da fiscalização, o investimento na educação, na saúde, nas pessoas, no capital humano e na

melhoria da condição de vida da população, que neste último caso também se pode traduzir em melhores condições de trabalho.

A conclusão final desta investigação é que, após serem avaliadas as diferentes perspectivas e explicações para esta problemática, de fato, os determinantes da informalidade no Brasil não são um produto de um único fator, mas sim de um conjunto de fatores variados, concebidos pelas várias características que o país possui e que são transversais desde económicas, políticas e sociais.

Por fim, espera-se que este estudo tenha alguma contribuição mesmo que modesta para esta problemática da informalidade, pois assistimos recentemente a um período de crise que teve grande impacto global principalmente nos trabalhadores informais que foram os primeiros a serem atingidos com os efeitos da pandemia de COVID-19, pois encontravam-se desprovidos de proteção social. Assim sendo, seriam interessantes investigações adicionais que contribuam para um conjunto de medidas eficientes que possam auxiliar dirigentes estatais e governantes na tentativa da redução deste fenómeno da informalidade, de modo a alcançar uma economia mais saudável e sustentável.

Referências

- Bardin L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Batista, E. C., De Matos L. A. L., & Nascimento A. B. (2017). A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, v.11, n.3, p.23-38.
- Bologna, J. (2016). The effect of informal employment and corruption on income levels in Brazil. *Journal of Comparative Economics*, 44(3), pp. 657-695.
- Broecke, S., Forti, A., & Vandeweyer, M. (2017). The effect of minimum wages on employment in emerging economies: a survey and meta-analysis. *Oxford Development Studies*, 45(3), pp. 366-391. <https://doi.org/10.1080/13600818.2017.1279134>
- Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. (2ª Edição). Coimbra: Almedina.
- D'Erasmus, P. N. (2013). Access to Credit and the Size of the Formal Sector in Brazil. *SSRN Electronic Journal*, (April). <https://doi.org/10.2139/ssrn.2330184>
- De Andrade, G. H., Bruhn, M., & McKenzie, D. (2016). A helping hand or the long arm of the law? Experimental evidence on what governments can do to formalize firms. *World Bank Economic Review*, 30(1), pp. 24-54. <https://doi.org/10.1093/wber/lhu008>
- Early, B., & Peksen, D. (2019). Searching in the Shadows: The Impact of Economic Sanctions on Informal Economies. *Political Research Quarterly*, 72(4), pp. 821-834. <https://doi.org/10.1177/1065912918806412>
- Jonasson E. (2013). Government Effectiveness and Regional Variation in Informal Employment. *The Journal of Development Studies*, Taylor & Francis (Routledge), 2012, 48(4), pp. 481-497.
- Esteves, Y. De Oliveira & Vasques-Menezes, I. (2020). Informal work: an analysis of the production of the last 10 years in Brazil. *Independent Journal of Management & Production*, 11(2), pp. 283-303. <https://doi.org/10.14807/ijmp.v11i2.1022>
- Flórez, L. A. (2019). Job search inefficiency and optimal policies in the presence of an informal sector. *International Journal of Economic Theory*, 15(4), pp. 399-429. <https://doi.org/10.1111/ijet.12162>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022). Agência de notícias. <https://www.agenciadenoticias.ibge.gov.br>.
- International Labour Organization (2019). Interactions between Workers' Organizations and Workers in the Informal Economy: A Compendium of Practice. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/---protrav/travail/documents/publication/wcms_735630.pdf
- Manzano, M., Krein, J. D. & Abílio, L. C. (2021). "The Dynamics of Labour Informality in Brazil, 2003-2019." *Global Labour Journal*, 12 (3), pp. 227-243. <https://doi.org/10.15173/glj.v12i3.4434>
- Marques, C., Leal, C., Ferreira, J. & Ratten, V. (2020). The formal-informal dilemma for women micro-entrepreneurs: evidence from Brazil. *Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy*, 14 (5), pp. 665-685. <https://doi.org/10.1108/JEC-03-2016-0008>

- Ministério da Economia - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019). Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira. IBGE - Estudos e Pesquisas (Informação Demográfica e Socioeconómica nº 40).
- Niño-Zarazúa, M. & Hernández, A. S. (2021). The political economy of social protection adoption. Schüring, Esther & Loewe, Markus. (Eds), *Handbook on Social Protection Systems* (pp. 520-535). <https://doi.org/10.4337/9781839109119.00067>
- Niño-Zarazúa, M. (2019). Welfare and Redistributive Effects of Social Assistance in the Global South. *Population and Development Review*, 45(S1), pp. 3-22. <https://doi.org/10.1111/padr.12308>
- Rego, A., Cunha, M. P., & Jr, V. M. (2018). Quantos participantes são necessários para um estudo qualitativo? Linhas práticas de orientação. *Revista de Gestão dos Países de Língua Portuguesa*, vol. 17, núm. 2, pp. 43-57.
- Rocha, R., Ulyseia, G., & Rachter, L. (2018). Do lower taxes reduce informality? Evidence from Brazil. *Journal of Development Economics*, 134(March), pp. 28-49. <https://doi.org/10.1016/j.jdeveco.2018.04.003>
- Sousa, I. C. (2019). Metodologias de recolha de dados. Powerpoint Slides, Blackboard Learn Iscte-iul.
- The World Bank Group (2022). World Development Indicators (GDP) - DataBank. <https://databank.worldbank.org/reports.aspx?source=2&series=NY.GDP.MKTP.CD>
- Webb, A., McQuaid, R. & Rand, S. (2020), "Employment in the informal economy: implications of the COVID-19 pandemic", *International Journal of Sociology and Social Policy*, 40(9/10), pp. 1005-1019. <https://doi.org/10.1108/IJSSP-08-2020-0371>
- Williams, C. C. & Horodnic, A. V. (2019). Why is informal employment more common in some countries? An exploratory analysis of 112 countries. *Employee Relations*, 41(6), 1434-1450. <https://doi.org/10.1108/ER-10-2018-0285>
- Williams, C. C. (2017). Tackling employment in the informal economy: A critical evaluation of the neoliberal policy approach. *Economic and Industrial Democracy*, 38(1), 145-169. DOI: 10.1177/0143831X14557961
- Williams, C. C. (2015a). Explaining the Informal Economy: an Exploratory Evaluation of Competing Perspectives. *Relations Industrielles*. 70 (4), pp. 741-765. <https://doi.org/10.7202/1034902ar>
- Williams, C. C. (2015b). Cross-national variations in the scale of informal employment: An exploratory analysis of 41 less developed economies. *International Journal of Manpower*, 36(2), 118–135. <https://doi.org/10.1108/IJM-01-2014-0021>
- Williams, C. C., & Youssef, Y. (2015). Theorising Entrepreneurship in the Informal Sector in Urban Brazil: A Product of Exit or Exclusion? *Journal of Entrepreneurship*, 24(2), 148–168. <https://doi.org/10.1177/0971355715586897>
- Williams, Colin C. (2013). Explaining employers' illicit envelope wage payments in the EU-27: a product of over-regulation or under-regulation? *Business Ethics-A European Review*, 22(3), 325-340. DOI: 10.1111/beer.12022

Anexos

Tabela A1 – Proporção de pessoas ocupadas em trabalhos informais, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação - 2012-2018

Grandes Regiões e Unidades da Federação	Proporção de pessoas ocupadas em trabalhos informais (%)						
	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Brasil	41,5	40,3	39,1	39,0	39,0	40,7	41,5
Norte	59,3	58,9	58,2	58,7	59,0	59,5	59,2
Rondônia	47,3	45,3	43,4	43,5	45,0	45,0	45,9
Acre	54,5	55,9	53,5	57,2	56,8	58,9	56,7
Amazonas	56,3	55,8	58,1	57,1	60,7	60,6	59,0
Roraima	49,5	51,0	49,4	49,0	46,7	50,8	51,2
Pará	65,4	65,3	64,4	65,5	64,1	64,2	64,8
Amapá	51,7	49,6	50,8	53,9	52,0	58,5	53,5
Tocantins	56,3	56,7	51,9	48,5	52,1	52,9	52,3
Nordeste	58,6	57,7	56,2	55,8	54,9	56,2	56,3
Maranhão	67,0	67,2	67,6	68,8	67,4	66,2	64,9
Piauí	65,0	63,2	64,8	64,5	62,2	63,4	62,4
Ceará	59,4	59,0	57,4	56,0	55,0	56,3	57,4
Rio Grande do Norte	51,5	51,8	48,7	46,4	46,6	51,2	51,8
Paraíba	60,3	61,2	57,3	56,8	55,3	56,0	56,7
Pernambuco	52,5	51,8	49,3	49,5	48,5	52,0	51,6
Alagoas	47,8	50,9	48,8	49,5	47,8	49,4	48,6
Sergipe	55,8	52,8	51,0	50,3	48,9	53,0	52,9
Bahia	60,1	57,4	56,5	55,5	55,8	55,9	56,7
Sudeste	33,0	31,7	30,5	30,4	31,3	33,8	35,6
Minas Gerais	40,4	39,4	37,5	37,7	38,4	39,1	40,2
Espírito Santo	40,4	40,7	37,6	37,8	37,4	40,7	44,2
Rio de Janeiro	32,3	31,0	29,5	29,5	30,4	34,1	34,9
São Paulo	29,3	27,6	27,0	26,8	27,9	30,7	33,1
Sul	31,7	30,4	28,0	27,7	27,9	29,1	29,0
Paraná	33,3	31,7	29,9	29,7	29,7	32,3	31,8
Santa Catarina	25,5	23,8	21,7	22,2	22,6	23,3	22,7
Rio Grande do Sul	34,1	33,0	30,1	29,2	29,3	29,8	30,4
Centro-Oeste	39,3	38,4	37,0	37,4	37,7	39,1	39,4
Mato Grosso do Sul	40,1	38,6	37,9	39,4	39,0	38,2	38,0
Mato Grosso	41,6	41,6	39,0	40,4	39,6	39,1	40,8
Goiás	42,9	41,6	40,4	40,1	40,9	43,1	42,9
Distrito Federal	27,5	27,4	25,8	25,6	27,2	30,7	31,0

Fonte: IBGE| Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012-2018.

Nota: Dados Consolidados das primeiras entrevistas.

Anexo A – Guião da Entrevista: Colaborador Informal**Guião da Entrevista: Colaborador Informal**

- Início da entrevista.

Gostava de pedir autorização para gravar esta entrevista, isto é completamente confidencial e o seu nome não vai ser identificado em nenhum momento, o objetivo é analisar os dados em conjunto e não a sua entrevista em particular, o estudo é apenas académico, não é para nenhuma entidade governamental, ou seja, não é para o governo é apenas para o meu estudo, para a minha investigação, para a minha Dissertação de Mestrado que estou fazendo em Portugal no ISCTE-IUL (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, e Instituto Universitário de Lisboa) sobre este tema da Economia Informal no Brasil. Gostava que me desse a sua autorização para gravar a entrevista. Está aqui este papel que é um termo de confidencialidade, onde não é preciso assinar com o nome, justamente para não ser identificado, é preciso apenas uma rúbrica.

- Perguntas gerais.

A) Dados básicos do entrevistado.

1. Sexo.
2. Qual a sua idade?
3. Qual a sua escolaridade?
4. Qual a sua nacionalidade?
5. A sua situação como estrangeiro/a está regularizada no Brasil?
6. Qual a sua atividade atual?

- Introdução ao emprego/trabalho formal e informal.

A) Entendimento e posição do entrevistado sobre o assunto.

7. Você tem conhecimento do emprego/trabalho informal?

B) Trabalhadores informais.

8. Trabalha de forma informal?
9. Já praticou o emprego informal antes?
10. Como você iniciou o trabalho na informalidade antes?
11. Como você iniciou o trabalho na informalidade agora?

12. O que você pensa para o futuro em relação ao trabalho informal? Você pretende continuar a praticá-lo no futuro?
 13. Qual o motivo de você estar nesta situação de informalidade?
 14. Quais são as vantagens que você vê trabalhando de forma informal?
 15. Quais são as desvantagens de trabalhar de forma informal?
- Posição do Governo/Estado acerca do trabalho informal.
 - A) Encargos, custos, influencia e combate do governo na escolha do trabalho informal.
 16. Pensa que existem vantagens neste tipo de emprego para o desenvolvimento do Brasil? E porquê?
 17. O que você acha que o governo poderia fazer para promover o emprego formal?
 18. Você acha que o governo brasileiro teve algum papel ou influência na sua decisão de trabalhar de forma informal?
 19. Você acha que o governo brasileiro tem algum papel no combate do emprego informal?
 20. Quais as razões que levariam a aceitar um trabalho formal?
 21. Quais as razões que não levariam a aceitar um trabalho formal?
 22. O emprego informal justifica-se pela probabilidade de o desemprego acontecer a curto ou médio prazo?
 - Fim da entrevista.
 - A) Pergunta final.
 23. Houve alguma pergunta que não fez que acha importante que deveria ter feito?

Anexo B – Guião da Entrevista: Colaborador Informal - COVID-19**Guião da Entrevista: Colaborador Informal - COVID-19**

- Início da entrevista.

Gostava de pedir autorização para gravar esta entrevista, isto é completamente confidencial e o seu nome não vai ser identificado em nenhum momento, o objetivo é analisar os dados em conjunto e não a sua entrevista em particular, o estudo é apenas acadêmico, não é para nenhuma entidade governamental, ou seja, não é para o governo é apenas para o meu estudo, para a minha investigação, para a minha Dissertação de Mestrado que estou fazendo em Portugal no ISCTE-IUL (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, e Instituto Universitário de Lisboa) sobre este tema da Economia Informal no Brasil. Gostava que me desse a sua autorização para gravar a entrevista. Está aqui este papel que é um termo de confidencialidade, onde não é preciso assinar com o nome, justamente para não ser identificado, é preciso apenas uma rúbrica.

- Perguntas gerais.

B) Dados básicos do entrevistado.

1. Sexo
2. Qual a sua idade?
3. Qual a sua escolaridade?
4. Qual a sua nacionalidade?
5. A sua situação como estrangeiro/a está regularizada no Brasil?
6. Qual a sua atividade atual?

- Introdução ao emprego/trabalho formal e informal.

C) Entendimento e posição do entrevistado sobre o assunto.

7. Você tem conhecimento do emprego/trabalho informal?

D) Trabalhadores informais.

8. Trabalha de forma informal?
9. Já praticou o emprego informal antes?
10. Você iniciou o trabalho informal antes do COVID-19 ou depois do COVID-19?

11. Como você iniciou o trabalho na informalidade antes?
 12. Como o COVID-19 influenciou na sua decisão de trabalhar de forma informal?
 13. O que você pensa para o futuro em relação ao trabalho informal? Você pretende continuar a praticá-lo no futuro?
 14. Tendo em conta a situação do COVID-19, há mais algum motivo de você estar nesta situação de informalidade?
 15. Quais são as vantagens que você vê trabalhando de forma informal?
 16. Quais são as desvantagens de trabalhar de forma informal?
- Posição do Governo/Estado acerca do trabalho informal.
- B) Encargos, custos, influencia e combate do governo na escolha do trabalho informal.
17. Pensa que existem vantagens neste tipo de emprego para o desenvolvimento do Brasil? E porquê?
 18. O que você acha que o governo poderia fazer para promover o emprego formal?
 19. Você acha que o governo brasileiro teve algum papel ou influência na sua decisão de trabalhar de forma informal? Tendo em conta a situação do COVID-19?
 20. Você acha que o governo brasileiro tem algum papel no combate do emprego informal?
 21. Quais as razões que levariam a aceitar um trabalho formal?
 22. Quais as razões que não levariam a aceitar um trabalho formal?
 23. O emprego informal justifica-se pela probabilidade do desemprego acontecer a curto ou médio prazo?
- Fim da entrevista.
- B) Pergunta final.
24. Houve alguma pergunta que não fez que acha importante que deveria ter feito?

- Início da entrevista.

Gostava de pedir autorização para gravar esta entrevista, isto é completamente confidencial e o seu nome não vai ser identificado em nenhum momento, o objetivo é analisar os dados em conjunto e não a sua entrevista em particular, o estudo é apenas acadêmico, não é para nenhuma entidade governamental, ou seja, não é para o governo é apenas para o meu estudo, para a minha investigação, para a minha Dissertação de Mestrado que estou fazendo em Portugal no ISCTE-IUL (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, e Instituto Universitário de Lisboa) sobre este tema da Economia Informal no Brasil. Gostava que me desse a sua autorização para gravar a entrevista. Está aqui este papel que é um termo de confidencialidade, onde não é preciso assinar com o nome, justamente para não ser identificado, é preciso apenas uma rúbrica.

- Perguntas gerais.

C) Dados básicos do entrevistado.

1. Sexo.
2. Qual a sua idade?
3. Qual a sua escolaridade?
4. Qual a sua nacionalidade?
5. A sua situação como estrangeiro/a está regularizada no Brasil?
6. Qual a sua atividade atual?

- Introdução ao emprego/trabalho formal e informal.

E) Entendimento e posição do entrevistado sobre o assunto.

7. Você tem conhecimento do emprego/trabalho informal?
8. A sua empresa é uma empresa formal?

F) Empresa Formal.

9. Possui colaboradores/empregados a trabalhar de forma informal, sem carteira assinada? Porquê?
10. A sua empresa recorre a trabalho extra não declarado? Porquê?
11. No passado já foi ou teve uma empresa informal?

G) Empresa/trabalhadores informais.

12. Como você iniciou o trabalho na informalidade antes?

13. Qual a vantagem e a desvantagem de manter colaboradores/empregados informais?
 14. O que você pensa futuro em relação ao trabalho informal? Você pretende continuar a praticá-lo no futuro? Pretende continuar a contratar pessoas para trabalharem sem carteira assinada no futuro?
- Posição do Governo/Estado acerca do trabalho informal.
 - C) Governo no combate a informalidade.
 15. O que você pensa sobre o papel do governo brasileiro no combate a este tipo de emprego? Você acha que o governo faz alguma coisa para combater ou reduzir o emprego informal?
 16. Na sua opinião o quê que o governo deve fazer para promover o emprego formal?
 - D) Encargos, custos e influencia do governo na escolha do trabalho informal.
 17. Você acha que o governo brasileiro teve algum papel na sua decisão de contratar trabalhadores informais?
 18. O quê que você acha em relação ao custo associado em manter ou despedir um trabalhador?
 19. Pensa que existem vantagens neste tipo de emprego para o desenvolvimento do Brasil? Porquê?
 20. Para quem produz algo: Você consegue ter uma percepção ou consegue fazer um balanço entre aquilo que ganha e aquilo gasta em termos de produção, e se este é um grande incentivo para manter algum trabalhador informal?
 21. Se o Estado brasileiro propusesse um plano personalizado de carga fiscal, dimensionado ao trabalho realizado e base salarial, seria um bom motivo para tornar-se/manter-se formal?
 22. Quantos Funcionários a empresa possui?
 23. A empresa é familiar?
 - Fim da entrevista.
 - C) Pergunta final.
 24. Houve alguma pergunta que não fiz que acha importante que deveria ter feito?

Nota: A questão de número 22 e a questão de número 23 foram adicionadas porque o primeiro empresário entrevistado forneceu um dado novo durante a entrevista, então recordei-me da sua utilidade e acrescentei ambas nas entrevistas em diante para os empresários.

Anexo D – Guião da Entrevista: Trabalhador em Sistema Misto - Possui Trabalho Formal e Informal em Simultâneo

Guião das Entrevistas para Trabalhador em Sistema Misto – Possui Trabalho Formal e Informal em Simultâneo

- Início da entrevista.

Gostava de pedir autorização para gravar esta entrevista, isto é completamente confidencial e o seu nome não vai ser identificado em nenhum momento, o objetivo é analisar os dados em conjunto e não a sua entrevista em particular, o estudo é apenas académico, não é para nenhuma entidade governamental, ou seja, não é para o governo é apenas para o meu estudo, para a minha investigação, para a minha Dissertação de Mestrado que estou fazendo em Portugal no ISCTE-IUL (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, e Instituto Universitário de Lisboa) sobre este tema da Economia Informal no Brasil. Gostava que me desse a sua autorização para gravar a entrevista. Está aqui este papel que é um termo de confidencialidade, onde não é preciso assinar com o nome, justamente para não ser identificado, é preciso apenas uma rúbrica.

- Perguntas gerais.

D) Dados básicos do entrevistado.

1. Sexo.
2. Qual a sua idade?
3. Qual a sua escolaridade?
4. Qual a sua nacionalidade?
5. A sua situação como estrangeiro/a está regularizada no Brasil?
6. Qual a sua atividade atual?

- Introdução ao emprego/trabalho formal e informal.

H) Entendimento e posição do entrevistado sobre o assunto.

7. Você tem conhecimento do emprego/trabalho informal?
8. Já praticou ou pratica o emprego informal enquanto trabalha de forma formal?
Porquê?

I) Empresa/trabalhadores informais.

9. Como que você iniciou o trabalho na informalidade antes?

10. Como que você iniciou o trabalho na informalidade?
11. Como que você iniciou o trabalho na informalidade antes e agora?
12. Como você se vê nessa posição em termos de um elemento ativo na sociedade? Como você se sente em lidar com estes dois sistemas? Estas duas maneiras de trabalho?
13. Qual o motivo de você estar nesta situação de informal?
14. Quais são as vantagens que você vê trabalhando de forma informal?
15. Quais são as desvantagens que você vê trabalhando de forma informal?

- Posição do Governo/Estado acerca do trabalho informal.

E) Encargos, custos e influencia do governo na escolha do trabalho informal.

16. Pensa que existem vantagens neste tipo de emprego para o desenvolvimento do Brasil? E porquê??
17. O que você acha que o governo brasileiro poderia fazer para promover o emprego formal?
18. Você acha que o governo brasileiro teve algum papel ou influência na sua decisão de trabalhar de forma informal? Você acha que o governo brasileiro tem algum papel no combate do emprego informal?
19. Você acha que o governo brasileiro tem algum papel no combate do emprego informal?
20. Quais as razões que levariam a aceitar apenas um trabalho formal?
21. Quais as razões que não levariam a aceitar um trabalho formal?
22. Qual a razão de continuar a trabalhar de forma formal e não passar completamente para a informalidade? Qual o peso que tem o trabalho informal no trabalho formal?
23. Na sua opinião o emprego informal justifica-se pela probabilidade do desemprego acontecer a curto ou médio prazo?
24. Se o Estado brasileiro propusesse um plano personalizado de carga fiscal, dimensionado ao trabalho realizado e base salarial, seria um bom motivo para tornar-se/manter-se formal?

- Fim da entrevista.

D) Pergunta final.

25. Houve alguma pergunta que não fiz que acha importante que deveria ter feito?

Anexo E – Guião da Entrevista: Sindicatos**Guião da Entrevista: Sindicatos**

- Início da entrevista.

Gostava de pedir autorização para gravar esta entrevista, isto é completamente confidencial e o seu nome não vai ser identificado em nenhum momento, o objetivo é analisar os dados em conjunto e não a sua entrevista em particular, o estudo é apenas acadêmico, não é para nenhuma entidade governamental, ou seja, não é para o governo é apenas para o meu estudo, para a minha investigação, para a minha Dissertação de Mestrado que estou fazendo em Portugal no ISCTE-IUL (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, e Instituto Universitário de Lisboa) sobre este tema da Economia Informal no Brasil. Gostava que me desse a sua autorização para gravar a entrevista. Está aqui este papel que é um termo de confidencialidade, onde não é preciso assinar com o nome, justamente para não ser identificado, é preciso apenas uma rúbrica.

- Posição do Sindicato sobre a informalidade.
 1. O sindicato possui conhecimento da realidade do emprego informal?
 2. Reconhece que dentro dos seus associados existe a prática de trabalho informal ocasional, sazonal ou permanente?
 3. Qual a posição do sindicato em relação à esta questão?
 4. Quais as medidas que acham necessárias que promovam um comportamento do associado na procura e persistência do trabalho informal?
 5. O quê que o sindicato pode fazer em relação a isto?
 6. Qual a opinião e posição do sindicato em relação às políticas atuais que poderão afetar de forma direta o comportamento dos cidadãos à procura do mercado formal?
 7. Como o sindicato se vê no futuro em relação à problemática do emprego informal?

- Fim da entrevista.

E) Pergunta final.

8. Houve alguma pergunta que não fiz que acha importante que deveria ter feito?

Anexo F – Consentimento Informado**CONSENTIMENTO INFORMADO**

O presente estudo surge no âmbito de uma dissertação de mestrado a decorrer no **ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa**. Este estudo incide sobre a Economia Informal no Brasil e pretende obter dados para investigação académica através de entrevistas.

O estudo é realizado por Aline Camilo da Silva Andrade cujo endereço de e-mail é aaeel@iscte-iul.pt, e pelo seu orientador Prof. Doutor Ricardo Barradas ricardo.barradas@iscte-iul.pt que poderá contactar caso deseje colocar uma dúvida ou partilhar algum comentário.

A sua participação, que será muito valorizada, consiste em colaborar numa entrevista gravada que poderá durar cerca de 25 minutos. Não existem riscos significativos expectáveis associados à participação no estudo. Ainda que possa não beneficiar diretamente com a participação no estudo, as suas respostas vão contribuir para o fornecimento de dados através desta entrevista e por conseguinte para o corrente estudo da dissertação de mestrado do tema em questão, prestando um contributo de forma direta para esta investigação académica.

A participação neste estudo é estritamente **voluntária**: pode escolher participar ou não participar. Se escolher participar, pode interromper a participação em qualquer momento sem ter de prestar qualquer justificação. Para além de voluntária, a participação é também **anónima** e **confidencial**. Os dados destinam-se apenas a tratamento estatístico e serão fonte de informação empírica e nenhuma resposta será analisada ou reportada individualmente. Em nenhum momento do estudo precisa de se identificar.

Face a estas informações, por favor indique se aceita participar no estudo:

ACEITO

NÃO ACEITO

Assinatura/Rúbrica: _____

Data: _____

O preenchimento do questionário presume que compreendeu e que aceita as condições do presente estudo, consentindo participar.

Tabela A2 – P1: Trabalhador em Sistema Misto

Trabalhador em Sistema Misto – Emprego Formal e Informal em Simultâneo		
	Questões	P1
1	Sexo	Masculino
2	Qual a sua idade?	55 anos

3	Qual a sua escolaridade?	Ensino Superior de Gestão de Empresas
4	Qual a sua nacionalidade?	Brasileiro
5	A sua situação como estrangeiro/a está regularizada no Brasil?	-
6	Qual a sua atividade atual?	Gerente Financeiro (Formal); Taxista (Formal); Consultor de Vendas (Informal) e Representante Comercial (Informal).
7	Você tem conhecimento do emprego/trabalho informal?	Sim
8	Já praticou ou pratica o emprego informal enquanto trabalha de forma formal? Porquê?	Sim, praticou e pratica o trabalho informal. Começou por ambição e oportunidade, quando tem uma necessidade tenta supri-la. Mais à frente ele conta que tem um currículo muito vasto, que não era para ganhar o que ganha atualmente, e faz trabalhos informais para complementar a sua renda.
9	Como que você iniciou o trabalho na informalidade antes?	Sim, já praticou antes. Ele responde: “Já, tenho muita experiência nessas coisas aí. (Risos). Já fui muita coisa na minha vida!”. Mas não explicou todas estas coisas, até porque penso que não tínhamos tempo disponível, então focou nos trabalhos informais atuais.
10	Como que você iniciou o trabalho na informalidade?	Foi contando ao longo da entrevista.
11	Como que você iniciou o trabalho na informalidade antes e agora?	O trabalho informal que atualmente pratica, o de consultor a empresa que fabrica produtos automotivos ofereceram a oportunidade. Já o outro trabalho de representante comercial, ele conhecia o dono e disse que queria representar o produto.
12	Como você se vê nessa posição em termos de um elemento ativo na sociedade? Como você se sente em lidar com estes dois sistemas? Estas duas maneiras de trabalho?	O entrevistado se vê como uma pessoa que tem mais experiência, “(...) procurando assim, se encaixar novamente na sociedade devido às atualizações”. Sente-se melhor que antes, sente-se útil. Não se sente realizado financeiramente o suficiente, mas tem ambição, gosta de aprender e diz: “(...) eu me sinto importante sendo útil, não ganhando dinheiro”. Sente-se apto e útil.
13	Qual o motivo de você estar nesta situação de informalidade?	O entrevistado diz que está na informalidade por questões financeiras. Mas ele fala nas ambições que tem de ter sua própria empresa, e faz críticas aos altos impostos, e que dependendo da empresa 54% vai para o governo e diz: “(...) o governo é um sócio (...) que não trabalha”.
14	Quais são as vantagens que você vê trabalhando de forma informal?	O entrevistado relata que a maior vantagem de trabalhar informal é a liberdade. A liberdade de fazer seu próprio horário, seu próprio salário e acrescenta: “(...) eu ganho dinheiro estando livre, essa pra mim é a maior vantagem”.
15	Quais são as desvantagens que você vê trabalhando de forma informal?	O entrevistado diz que a concorrência na informalidade é uma desvantagem, porque há pessoas que não querem pagar impostos e

		que isso é desvantajoso. E acrescenta que na formalidade a margem de lucro é menor quando se emite uma fatura, então vai para a informalidade.
16	Pensa que existem vantagens neste tipo de emprego para o desenvolvimento do Brasil? E porquê?	Não coloquei esta questão. Mas o entrevistado deu algumas dicas que se possa chegar a uma conclusão. Ele disse ao longo da entrevista que é ambicioso e quer crescer, quer se sentir ativo, por isso faz tantas coisas ao mesmo tempo, formais e informais. Isto pode induzir que seria bom ter pessoas ativas a trabalhar, ele disse que houve uma altura em que haviam 13 milhões de desempregados. Ele próprio diz que se a pessoa ganha pouco ela procura fazer outras coisas informais. Então, de acordo com essas declarações pode-se pensar que ele veria sim alguma vantagem no emprego informal. Mas de um modo geral ele parece estar na informalidade por opção, é a conclusão que se pode retirar tendo em conta toda a entrevista.
17	O que você acha que o governo brasileiro poderia fazer para promover o emprego formal?	O entrevistado começa dizendo que a carga tributária para os empresários é muito alta, concorda que o imposto é necessário, mas demonstra que a maneira com que os empresários são tributados é excessiva. Também toca no assunto da corrupção. Fala na dificuldade de abrir e fechar uma empresa, na contratação também, da alta burocracia. Acha que o empresário deveria ser mais favorecido, porque assim com menos impostos e com um sistema menos burocrático, poderia ter mais contratações formais e com melhores salários, essa seria uma maneira de promover o emprego formal e diminuir a taxa de desemprego.
18	Você acha que o governo brasileiro teve algum papel ou influência na sua decisão de trabalhar de forma informal?	Não fiz esta pergunta, mas pelo que foi dito ao longo da entrevista ele demonstrou que gosta de estar ativo na sociedade e de fazer muitas coisas, tanto gosta que tem quatro trabalhos, é ambicioso e gosta de arriscar. Não parece que a decisão de trabalhar nestas quatro frentes sejam por influência do governo. Aquilo que ressalta ao longo da entrevista de negativo da parte do governo é os altos impostos. Ele vê mais confiança no governo de Jair Bolsonaro.
19	Você acha que o governo brasileiro tem algum papel no combate do emprego informal?	O entrevistado acha que sim, porque diz que o atual governo favorece o empresário, porque é um governo de extrema-direita, neoliberal e capitalista, com intenções de facilitar a franja empresarial. Acrescenta que a bolsa de valores aumentou, os empresários estão confiando, estão captando investimento para poder investir nas suas empresas, inclusive no capital humano com melhores salários e recursos, e que isso tudo é positivo.

20	Quais as razões que levariam a aceitar apenas um trabalho formal?	O entrevistado tem dificuldades para encontrar uma razão para ser apenas formal, mas com alguma insistência diz que se um dia tivesse sua própria empresa, e um CEO a frente para o entrevistado só administrar, aí sim pensaria em ser apenas formal.
21	Quais as razões que não levariam a aceitar um trabalho formal?	Eu não fiz essa questão, mas deu para perceber ao longo da conversa que ele preza a sua liberdade de horários e flexibilidade, porque ele próprio diz que “(...) somente formal, eu creio que não, somente isso não.”
22	Qual a razão de continuar a trabalhar de forma formal e não passar completamente para a informalidade? Qual o peso que tem o trabalho informal no trabalho formal?	Eu não fiz esta questão, mas aquilo que ele disse ao longo desta entrevista é que ele pretende ter a sua empresa e não ficar somente naquilo que faz, que quer crescer, que tem muitos planos na atual empresa em que trabalha, que o motivo pelo qual ele está na empresa hoje é porque ambos os seus empregadores fizeram uma proposta de crescer juntos profissionalmente.
23	Na sua opinião o emprego informal justifica-se pela probabilidade do desemprego acontecer a curto ou médio prazo?	Não fiz esta questão, mas de acordo com tudo o que foi-me dito ele não está na informalidade por curto ou médio prazo, mas sim porque como já foi referido gosta de sentir ativo, e tem nisto um complemento salarial e liberdade.
24	Se o Estado brasileiro propusesse um plano personalizado de carga fiscal, dimensionado ao trabalho realizado e base salarial, seria um bom motivo para tornar-se/manter-se formal?	O que o entrevistado responde é que se ele tivesse intenção de trabalhar formalmente isso não teria muito impacto. Acha que isso não seria um motivo para passar a ser somente formal.
25	Houve alguma pergunta que não fiz que acha importante e que deveria ter feito?	Não acrescenta nada.

Tabela A3 – P2: Empreendedor e Microempreendedor

Empreendedor e Microempreendedor	
Questões	P2
1 Sexo	Masculino
2 Qual a sua idade?	38 anos
3 Qual a sua escolaridade?	Ensino Superior/Biólogo
4 Qual a sua nacionalidade?	Brasileiro
5 A sua situação como estrangeiro/a está regularizada no Brasil?	-
6 Qual a sua atividade atual?	Empresário do ramo de peixes ornamentais

7	Você tem conhecimento do emprego/trabalho informal?	Sim
8	A sua empresa é uma empresa formal?	Sim
9	Possui colaboradores/empregados a trabalhar de forma informal, sem carteira assinada? Porquê?	Não
10	A sua empresa recorre a trabalho extra não declarado? Porquê?	Sim. O empresário aceita peixes de pessoas carenciadas financeiramente como sendo uma questão social, uma forma de ajudá-los. E também porque se for comprar somente peixes de trabalhadores formais não conseguiria comprar.
11	No passado já foi ou teve uma empresa informal?	Sim.
12	Como você iniciou o trabalho na informalidade antes?	Iniciou na informalidade por motivos financeiros, não possuía condição financeira para iniciar uma empresa formalmente.
13	Qual a vantagem e a desvantagem de manter os colaboradores/empregados informais?	Vantagem: O lado social, o empresário sente que dá oportunidade de trabalho para pessoas extremamente carenciadas e quase analfabetas. Desvantagem: O risco da fiscalização para quem coleta os peixes e conseqüentemente o material apreendido dos mesmos.
14	O que você pensa para o futuro em relação ao trabalho informal? Você pretende continuar a praticá-lo no futuro? Pretende continuar a contratar pessoas para trabalharem sem carteira assinada no futuro?	Não. Ele espera que essas pessoas passem a ser trabalhadores formais para o bem delas e do empresário.
15	O que você pensa sobre o papel do governo brasileiro no combate a este tipo de emprego? Você acha que o governo brasileiro faz alguma coisa para combater ou reduzir o emprego informal?	Não. Acha que em termos legislativos para este setor em específico, o governo dificulta com proibições e multas.
16	Na sua opinião o que o governo deve fazer para promover o emprego formal?	Diminuir a burocracia; dar oportunidade; não cobrar impostos para quem quer iniciar a atividade ou dar um prazo de pagamento para quem inicia uma atividade.
17	Você acha que o governo brasileiro teve algum papel na sua decisão de contratar trabalhadores informais?	Não fez essa pergunta, mas pelo decorrer da entrevista fica demonstrado que se ele quer ajudar pessoas extremamente carenciadas, diz que elas precisam e não têm ajuda.
18	O que você acha em relação ao custo associado em manter ou despedir um trabalhador?	O entrevistado responde apenas que elimina alguns custos de transporte por exemplo, por contratar trabalhadores que vivem nas proximidades.

19	Pensa que existem vantagens neste tipo de emprego para o desenvolvimento do Brasil? E porquê? (“E porquê” é independente de sim ou não)	O entrevistado pensa de um modo geral que existem vantagens para as pessoas por terem uma oportunidade, e que o governo deveria deixar a informalidade porque as pessoas podem crescer e passar a ser formais.
20	Para quem produz algo: Você consegue ter uma percepção ou consegue fazer um balanço entre aquilo que ganha e aquilo gasta em termos de produção, este é um grande incentivo para se manter na informalidade?	Não se aplica a este participante.
21	Se o Estado brasileiro propusesse um plano personalizado de carga fiscal, dimensionado ao trabalho realizado e base salarial, seria um bom motivo para tornar-se/manter-se formal?	Sim. Fala novamente de desburocratizar o país e faz críticas a quantidade de sindicatos, acha que deve haver menos sindicatos, pois não vê vantagens.
22	Houve alguma pergunta que não fiz que acha importante que deveria ter feito?	Não quis acrescentar mais nada, achou que estava completo.
23	Quantos Funcionário a empresa possui?	18 funcionários.
24	A empresa é familiar?	Não, o entrevistado criou a empresa.

Nota: As duas últimas perguntas foram acrescentadas depois de já ter feito o guião porque este participante forneceu informações que considerei serem importantes para fazerem aos próximos empresários. Esta nota também foi adicionada ao guião dos empresários e microempreendedores.

Tabela A4 – P3: Empreendedor e Microempreendedor

Empreendedor e Microempreendedor	
Questões	P3
1 Sexo	Masculino
2 Qual a sua idade?	38 anos
3 Qual a sua escolaridade?	Ensino Secundário e Técnico de Automação Industrial
4 Qual a sua nacionalidade?	Brasileiro
5 A sua situação como estrangeiro/a está regularizada no Brasil?	-
6 Qual a sua atividade atual?	Empresário do ramo dos geradores.
7 Você tem conhecimento do emprego/trabalho informal?	Sim.
8 A sua empresa é uma empresa formal?	Sim.

9	Possui colaboradores/empregados a trabalhar de forma informal, sem carteira assinada? Porquê?	Sim. Por conta do alto custo e porque há colaboradores que preferem receber o valor todo na íntegra, sem descontos e sem declarar rendimentos.
10	A sua empresa recorre a trabalho extra não declarado? Porquê?	O entrevistado diz ter “freelancer”, ou seja, trabalhador autónomo. Contrata por conta do custo que o trabalhador tem para a empresa e pelos momentos de menos atividade que a empresa possui em dadas alturas. Mas refere que não gosta muito de trabalhar com “freelancer” por não ser especializado e ter menos treinamento que os seus funcionários.
11	No passado já foi ou teve uma empresa informal?	Não. Tirou o curso e abriu a empresa formalmente.
12	Como você iniciou o trabalho na informalidade antes?	-
13	Qual a vantagem e a desvantagem de manter os colaboradores/empregados informais?	O entrevistado não respondeu de forma direta. Já respondeu à esta pergunta ao longo da entrevista, por falar nos altos custos que tem com os funcionários podendo ser assumido como uma vantagem não tê-los com os seus colaboradores informais. Refere também no custo que deixa de ter principalmente quando há menos atividade, o que também é assumido como uma vantagem.
14	O que você pensa para o futuro em relação ao trabalho informal? Você pretende continuar a praticá-lo no futuro? Pretende continuar a contratar pessoas para trabalharem sem carteira assinada no futuro?	Se pudesse sim, continuaria, por questões práticas e por conta da quantidade de impostos. Pretende continuar, desde que não se prejudique com a fiscalização e desde que saiba contornar as contas por conta do pagamento dos impostos.
15	O que você pensa sobre o papel do governo brasileiro no combate a este tipo de emprego? Você acha que o governo brasileiro faz alguma coisa para combater ou reduzir e emprego informal?	O entrevistado diz que o governo atual tem medidas para reduzir a informalidade, tirar um pouco a burocracia. Mas que tudo depende muito da mudança de governo. E demonstra o receio que a franja empresarial tem em abrir negócios e gerar emprego pois os empresários muitas vezes são sufocados pelo sistema e pelas leis trabalhistas muitas vezes abusivas e isso os retrai.
16	Na sua opinião o quê que o governo deve fazer para promover o emprego formal?	De acordo com a entrevista dada por ele e todas as reclamações que ele fez sobre a burocracia e os altos impostos, de modo a ter uma resposta mais concreta eu perguntei se era tirar um pouco a burocracia e respondeu que sim. E deu alguns exemplos do excesso de burocracia ao qual a empresa é submetida. Ele diz: “(...) é muita burocracia!” Mas criticou muito os altos impostos.
17	Você acha que o governo brasileiro teve algum papel na sua decisão de contratar trabalhadores informais?	Aquilo que foi percebido durante a entrevista é que o governo tem influência por conta dos altos impostos, e do aparelho burocrático.

18	O quê que você acha em relação ao custo associado em manter ou despedir um trabalhador?	O entrevistado acha o custo muito alto, inclusive relatou ter três funcionários que gostaria de despedir, e só não o fez porque não tem condições financeiras no momento para pragar os direitos trabalhistas e os custos de despedimento.
19	Pensa que existem vantagens neste tipo de emprego para o desenvolvimento do Brasil? E porquê?	O entrevistado não respondeu diretamente à questão, demonstrou sim que o emprego formal tem desvantagens, pois os trabalhadores pagam um valor para a aposentadoria e seus respectivos seguros, valor este que fica parado, e quando a pessoa precisa comprar uma casa por exemplo, paga caro no empréstimo enquanto tem seu dinheiro parado com o governo.
20	Para quem produz algo: Você consegue ter uma percepção ou consegue fazer um balanço entre aquilo que ganha e aquilo gasta em termos de produção, este é um grande incentivo para se manter na informalidade?	Ele responde: “Sim, em termos de produção também.” Mas ele reforça que não pode trabalhar a 100% na informalidade, por conta da fiscalização, e que mesmo assim normalmente acontece, se houver denúncias.
21	Se o Estado brasileiro propusesse um plano personalizado de carga fiscal, dimensionado ao trabalho realizado e base salarial, seria um bom motivo para tornar-se/manter-se formal?	Sim, ele diz que dentro de um plano novo com certeza, pois os altos custos trabalhistas estão diretamente ligados ao custo do produto final. Diz que o custo tributário é um absurdo. Acha que uma solução mais plausível seria pagar impostos sobre venda e serviço. Sugere também a redução dos contributos e impostos trabalhistas, assim o trabalhador receberia mais na íntegra e o empresário também teria menos custos com os funcionários.
22	Houve alguma pergunta que não fiz que acha importante que deveria ter feito?	Ele acrescenta mais a situação do peso tributário, que se paga muito e é uma questão de sobrevivência do negócio ter alguma informalidade, não pagar algum imposto ou não ter colaboradores 100% formais. Apesar que ele disse ter apenas 20% de trabalhadores no informal.
23	Quantos Funcionário a empresa possui?	Possui 22 funcionários a contar com ambos os sócios/donos.
24	A empresa é familiar?	É familiar no sentido de serem dois primos os donos, mas não é um negócio que foi passado para outra geração.

Nota: As duas últimas perguntas foram acrescentadas depois de já ter feito o guião porque um participante forneceu informações que considerarei serem importantes para fazerem aos próximos empresários. Esta nota também foi adicionada ao guião dos empresários e microempreendedores.

Tabela A5 – P4: Trabalhador em Sistema Misto

Trabalhador em Sistema Misto – Emprego Formal e Informal em Simultâneo

	Questões	P4
1	Sexo	Masculino
2	Qual a sua idade?	49 anos
3	Qual a sua escolaridade?	Ensino Superior de Tecnologia de Processo de Produção e Ensino Superior em Engenharia de Produção
4	Qual a sua nacionalidade?	Brasileiro
5	A sua situação como estrangeiro/a está regularizada no Brasil?	-
6	Qual a sua atividade atual?	Consultor em Engenharia de Processo de Produção.
7	Você tem conhecimento do emprego/trabalho informal?	Sim.
8	Já praticou ou pratica o emprego informal enquanto trabalha de forma formal? Porquê?	Sim, desenvolve uma logística de um produto que não existe num determinado lugar, esta é a atividade paralela, o próprio diz que faz isso de forma informal. Ele atua desta maneira porque como já possui um contrato de trabalho com uma empresa, ele não pode ter outra atividade para outro ramo por regra da empresa que o próprio trabalha.
9	Se tiver respondido que já praticou antes: Como que você iniciou o trabalho na informalidade antes?	Não praticou antes, mas já está a praticar desde 2017.
10	Se tiver respondido que não praticou antes, apenas pratica agora: Como que você iniciou o trabalho na informalidade?	Pratica apenas agora. O entrevistado diz: “Não, isso não foi esporadicamente, isso aconteceu agora (...) devido a situação do país né, da economia.” Isso aconteceu porque o salário reduziu drasticamente, ele diz que hoje no mercado de trabalho há pessoas que oferecem o mesmo serviço 75% a menos do que se ganhava antigamente, ele hoje recebe apenas 25% do que recebia. Então ele tenta compensar com o informal para manter o padrão de vida da família. Diz que atualmente há muita concorrência num mercado em que a oferta aumentou e a demanda diminuiu.
11	Se tiver respondido que praticou antes e que continua a praticar: Como que você iniciou o trabalho na informalidade antes e agora?	Iniciou sozinho utilizando o LinkedIn uma rede social com finalidade profissional.
12	Como você se vê nessa posição em termos de um elemento ativo na sociedade? Como você se sente em lidar com estes dois sistemas? Estas duas maneiras de trabalho?	O entrevistado diz que gostaria de trabalhar apenas na sua área de formação, que é engenheiro de produção e desenvolvimento de produto, mas que devido a sua necessidade familiar teve que se reinventar na venda, porque ele desenvolvia o produto e agora tem que vender também. Mas disse que gosta, sente-se estimulado e que foi uma mais-valia para sua carreira profissional porque aprendeu outras coisas.

13	Qual o motivo de você estar nesta situação de informalidade?	O motivo como já referiu foi por necessidade, devido seu salário na sua área de profissão ter caído para apenas 25% do que ganhava por conta da concorrência, é um complemento salarial para manter o seu nível de vida.
14	Quais são as vantagens que você vê trabalhando de forma informal?	Para além da vantagem do complemento salarial, o entrevistado diz que não gostaria de trabalhar informalmente. Mas que o aprendizado abriu campos, e o vê como uma grande vantagem.
15	E quais são as desvantagens?	Desvantagem é que não pode concorrer com empresas maiores, porque vive num mundo de complemento salarial. Diz: “(...) se desenvolver, é... ter projetos em grandes empresas, você tá fora deste mercado.” E acrescenta que formalmente é possível chegar noutros patamares.
16	Pensa que existem vantagens neste tipo de emprego para o desenvolvimento do Brasil? E porquê?	Diz que trabalhar de forma informal tem suas limitações, e acha que trabalhar informalmente não traz sucesso. Se o trabalhador trabalha de forma formal vai se contribuir com os impostos, mas vai ter um retorno, talvez mínimo, mas abrem-se oportunidades. E trabalhar legalmente contribui-se para alguma coisa, e que hoje se consegue visualizar mais o direcionamento dos impostos.
17	O que você acha que o governo brasileiro poderia fazer para promover o emprego formal?	O entrevistado diz que o SEBRAE é uma forma de promover a formalidade, e que o investimento nesta instituição é importante.
18	Você acha que o governo brasileiro teve algum papel ou influência na sua decisão de trabalhar de forma informal?	O entrevistado diz que o governo atual (Jair Bolsonaro) está há pouco tempo, mas que o governo anterior (governo do PT) no início foi muito bom e abriu frentes de trabalho, mas que nos últimos 8 anos começou a ficar mais complicado, com os casos de corrupção o governo caiu num descrédito. E que há 8 anos já começou a pensar num plano B, e disse: “Por isso que hoje eu tenho esse trabalho informal.” Relata também que muitos profissionais formais deixaram de fazer contribuições e passaram a ser informais, por conta dos casos de corrupção que surgiram nesta altura.
19	Você acha que o governo brasileiro tem algum papel no combate do emprego informal?	Não coloquei esta questão, mas daquilo que o entrevistado já disse que o atual governo está há pouco tempo. Mas referenciou que acha que o governo está fazendo algo no sentido de promover a formalidade, o que conseqüentemente leva à uma despromoção da informalidade.
20	Quais as razões que levariam a aceitar apenas um trabalho formal?	Se tivesse um salário que considera digno, que supra suas necessidades, que cubra as suas despesas e que consiga manter o patamar económico que sempre teve.
21	Quais as razões que não levariam a aceitar um trabalho formal?	O entrevistado diz que atualmente há muita concorrência, e por isso não estaria somente na informalidade.

22	Qual a razão de continuar a trabalhar de forma formal e não passar completamente para a informalidade? Qual o peso que tem o trabalho informal no trabalho formal?	O entrevistado diz que na parte física o informal pesa mais, porque o campo de desenvolvimento é muito maior e ele tem que desenvolver o seu dia de trabalho, enquanto que na empresa formal ele trabalha mecanicamente em que já sabe o que fazer. Monetariamente ele diz que no informal ele consegue 60% a mais daquilo que ele recebe no trabalho formal, e acrescenta que no informal ele consegue aumentar este percentual, mas no formal não, fica um valor fixo. No informal trabalha-se muito mais, mas sabe que ganha mais. Quando perguntei se o formal trazia mais segurança, respondeu que na questão do convênio médico, mas que cobram 40% ou 60% do valor de uma consulta.
23	Na sua opinião o emprego informal justifica-se pela probabilidade do desemprego acontecer a curto ou médio prazo?	Ele acha que a economia cooperou para a informalidade, numa questão momentânea com a dificuldade dos governos, devido às incertezas do trabalhador. O entrevistado pretende continuar no futuro a trabalhar no informal, já o formal traz seguranças de convênio, seguro, aposentadoria
24	Se o Estado brasileiro propusesse um plano personalizado de carga fiscal, dimensionado ao trabalho realizado e base salarial, seria um bom motivo para tornar-se/manter-se formal?	Não coloquei esta questão porque penso que não faria sentido por conta do conteúdo extraído da entrevista, não seria por um plano personalizado na carga fiscal que este entrevistado passaria a ser formal, como tem sido verificado ao longo desta entrevista.
25	Houve alguma pergunta que não fiz que acha importante e que deveria ter feito?	Não quis acrescentar nada porque ele achou que as perguntas foram bem específicas e foram ao fundo da questão.

Tabela A6 – P5: Empreendedor e Microempreendedor

Empreendedor e Microempreendedor		
	Questões	P5
1	Sexo	Masculino
2	Qual a sua idade?	42 anos
3	Qual a sua escolaridade?	Ensino Superior/Fisioterapia e Pós-Graduação/Educação Sexual
4	Qual a sua nacionalidade?	Brasileiro
5	A sua situação como estrangeiro/a está regularizada no Brasil?	-
6	Qual a sua atividade atual?	Locação de equipamentos de energia.
7	Você tem conhecimento do emprego/trabalho informal?	Sim.
8	A sua empresa é uma empresa formal?	Sim.

9	Possui colaboradores/empregados a trabalhar de forma informal, sem carteira assinada? Porquê?	Não.
10	A sua empresa recorre a trabalho extra não declarado? Porquê?	Tem apenas trabalhadores “freelancers”, que são autónomos. Ele explica que normalmente os contrata no final de semana por conta do aumento da demanda que é precisamente no fim-de-semana.
11	No passado já foi ou teve uma empresa informal?	Não.
12	Como você iniciou o trabalho na informalidade antes?	-
13	Qual a vantagem e a desvantagem de manter os colaboradores/empregados informais?	Vantagem: Não ter custo fixo. Desvantagem: O risco, se acontecer algum acidente o entrevistado pode ter um prejuízo relevante.
14	O que você pensa para o futuro em relação ao trabalho informal? Você pretende continuar a praticá-lo no futuro? Pretende continuar a contratar pessoas para trabalharem sem carteira assinada no futuro?	Sim, pretende desde que os trabalhadores tenham consciência dos riscos. E tenciona também pedir a estes trabalhadores que se inscrevam no MEI (Micro Empreendedor Individual) para dar mais tranquilidade para os mesmos e para o entrevistado.
15	O que você pensa sobre o papel do governo brasileiro no combate a este tipo de emprego? Você acha que o governo brasileiro faz alguma coisa para combater ou reduzir o emprego informal?	Diz que há muitos desempregados, e essa é uma forma de gerar receita, por isso pensa que o governo não vai fazer muito, porque se atacar a situação, o desemprego pode piorar, mas não vê mudança no imediato. E para reduzir acha que o incentivo a ser MEI é uma ação do governo.
16	Na sua opinião o que o governo deve fazer para promover o emprego formal?	O entrevistado diz que deveria ter mais fiscalização.
17	Você acha que o governo brasileiro teve algum papel na sua decisão de contratar trabalhadores informais?	Não, porque ele só contrata pela sazonalidade que o trabalho tem.
18	O que você acha em relação ao custo associado em manter ou despedir um trabalhador?	Diz que o custo é alto e que por este motivo não tem grandes salários. Essa é uma das preocupações, começar com um salário mais alto e depois se tiver que fazer algum despedimento o valor é muito elevado. Manter e despedir são desfavoráveis.
19	Pensa que existem vantagens neste tipo de emprego para o desenvolvimento do Brasil? E porquê?	Acredita que não porque se um trabalhador se machucar há os custos com hospital, há também a questão da aposentadoria entre outros aspectos e assim fica desfavorável.
20	Para quem produz algo: Você consegue ter uma percepção ou consegue fazer um balanço entre aquilo que ganha e aquilo gasta em termos de produção, este é um	Não Produz.

	grande incentivo para se manter na informalidade?	
21	Se o Estado brasileiro propusesse um plano personalizado de carga fiscal, dimensionado ao trabalho realizado e base salarial, seria um bom motivo para tornar-se/manter-se formal?	O entrevistado acha que seria interessante, que a mudança poderia ter alguma resistência no início, mas que seria uma opção interessante.
22	Houve alguma pergunta que não fiz que acha importante que deveria ter feito?	Não.
22	Quantos Funcionário a empresa possui?	Possui 22 Funcionários.
24	A empresa é familiar?	Não, é uma empresa de oportunidade.

Nota: As duas últimas perguntas foram acrescentadas depois de já ter feito o guião porque um participante forneceu informações que considere serem importantes para fazerem aos próximos empresários. Esta nota também foi adicionada ao guião dos empresários e microempreendedores.

Tabela A7 – P6: Empreendedor e Microempreendedor

Empreendedor e Microempreendedor		
	Questões	P6
1	Sexo	Masculino
2	Qual a sua idade?	50 anos
3	Qual a sua escolaridade?	Ensino Superior/Engenharia Mecânica
4	Qual a sua nacionalidade?	Brasileiro
5	A sua situação como estrangeiro/a está regularizada no Brasil?	-
6	Qual a sua atividade atual?	Centro Automotivo/Oficina Mecânica
7	Você tem conhecimento do emprego/trabalho informal?	Sim.
8	A sua empresa é uma empresa formal?	Sim.
9	Possui colaboradores/empregados a trabalhar de forma informal, sem carteira assinada? Porquê?	Sim, porque os colaboradores preferem prestar serviço, pois quando passam a ser registados eles pensam que ganham menos. Então eles pedem para o pagamento ser gerado meio a meio.
10	A sua empresa recorre a trabalho extra não declarado? Porquê?	Sim, tem outro serviço extra em que não têm contrato de trabalho. São trabalhadores que fazem outros trabalhos em um local diferente. No fundo, todos são trabalhadores do mesmo patrão, mas uns trabalham num local e outros noutra.

11	No passado já foi ou teve uma empresa informal?	Não.
12	Como você iniciou o trabalho na informalidade antes?	Nunca trabalhou informal.
13	Qual a vantagem e a desvantagem de manter os colaboradores/empregados informais?	Vantagem: Não ter vínculo, não ter burocracia. O funcionário tem mais liberdade horária, é vantajoso para o empresário e os funcionários preferem. Desvantagem: Para o governo porque não arrecada imposto.
14	O que você pensa para o futuro em relação ao trabalho informal? Você pretende continuar a praticá-lo no futuro? Pretende continuar a contratar pessoas para trabalharem sem carteira assinada no futuro?	Dá a entender que sim, pretende. O que o entrevistado responde é que está a tentar que eles adiram ao MEI, para fazerem contribuições e para terem alguns direitos, como para o caso de ter um acidente estarem cobertos, mas os trabalhadores se recusam.
15	O que você pensa sobre o papel do governo brasileiro no combate a este tipo de emprego? Você acha que o governo brasileiro faz alguma coisa para combater ou reduzir e emprego informal?	Acha que não, o governo não faz. E acrescenta que o governo deixa de arrecadar por conta dos impostos praticados, referiu que são altos. E diz que muitas vezes recusa certos trabalhos por não compensar por conta dos impostos.
16	Na sua opinião o quê que o governo deve fazer para promover o emprego formal?	Acha que a questão dos impostos faria a diferença, se fossem outros valores acha que todos gostariam de ter tudo de forma correta e ter os benefícios, e acrescenta que ele declara o mínimo possível.
17	Você acha que o governo brasileiro teve algum papel na sua decisão de contratar trabalhadores informais?	O entrevistado ao longo da entrevista dá a entender que contrata de forma informal porque os trabalhadores preferem assim para não descontar, e para ele não vê desvantagens como já referiu.
18	O quê que você acha em relação ao custo associado em manter ou despedir um trabalhador?	Ele acha que contratar, assim como despedir é um custo muito alto, e que é melhor não registá-los. Acha que o governo deveria melhorar a questão dos custos.
19	Pensa que existem vantagens neste tipo de emprego para o desenvolvimento do Brasil? E porquê?	Não fez esta questão, portanto não há uma resposta direta. Só há a interpretação que pode ser feita com toda a entrevista (mas muitas vezes não respondem de forma direta).
20	Para quem produz algo: Você consegue ter uma perceção ou consegue fazer um balanço entre aquilo que ganha e aquilo gasta em termos de produção, este é um grande incentivo para se manter na informalidade?	-
21	Se o Estado brasileiro propusesse um plano personalizado de carga fiscal, dimensionado ao trabalho realizado e	Responde que com certeza, e que não pensaria duas vezes.

	base salarial, seria um bom motivo para tornar-se/manter-se formal?	
22	Houve alguma pergunta que não fiz que acha importante que deveria ter feito?	Fala na corrupção do país, que estão tentando controlar. Demonstrou seu descontentamento com o antigo presidente (Lula) que era metalúrgico, assim como o entrevistado também foi. Ele achou que o presidente faria mais pela classe do que aquilo que fez.
22	Quantos Funcionário a empresa possui?	Possui 1 funcionário registrado, mais 6 informais.
24	A empresa é familiar?	Não.

Nota: As duas últimas perguntas foram acrescentadas depois de já ter feito o guião porque um participante forneceu informações que considerei serem importantes para fazerem aos próximos empresários. Esta nota também foi adicionada ao guião dos empresários e microempreendedores.

Tabela A8 – P7: Colaborador Informal

Colaborador Informal		
	Questões	P7
1	Sexo	Feminino
2	Qual a sua idade?	26 anos.
3	Qual a sua escolaridade?	Ensino Secundário.
4	Qual a sua nacionalidade?	Brasileira
5	A sua situação como estrangeiro/a está regularizada no Brasil?	-
6	Qual a sua atividade atual?	Ajudante Geral
7	Você tem conhecimento do emprego/trabalho informal?	Sim.
8	Trabalha de forma informal?	Sim. Como já sabia passei a frente.
9	Já praticou o emprego informal antes?	Sim, a maioria dos trabalhos obtidos até a data foram todos informais. Teve apenas um trabalho formal.
10	Como você iniciou o trabalho na informalidade antes?	A maioria dos trabalhos informais anteriores foi por indicação de amigos, outro trabalho foi através de um familiar.
11	Como você iniciou o trabalho na informalidade agora?	Atualmente iniciou o trabalho informal através de um amigo do seu marido, que a entrevistada também conhecia, e que é o seu empregador.

12	O que você pensa para o futuro em relação ao trabalho informal? Você pretende continuar a praticá-lo no futuro?	A entrevistada pretende abrir um negócio com um familiar, então a intenção da mesma é juntar um determinado valor para dar início nesta outra atividade. Portanto, para o futuro não pretende continuar na informalidade.
13	Qual o motivo de você estar nesta situação de informalidade?	A entrevistada diz que não vê tantos benefícios em trabalhar de forma formal, porque se ela quisesse poderia ela própria pagar um fundo de garantia, e que poderia estar trabalhando registrada, mas que optou pelo informal. Ela diz que recebe todos os seus bens, e não repassa nada para o governo do que seria suposto repassar num trabalho formal, porque queria receber tudo na íntegra, diz precisar do dinheiro que o governo retém.
14	Quais as vantagens que você vê trabalhando de forma informal?	Para além da vantagem de receber todo o salário na íntegra sem descontos, diz que se adquire experiência de empreendimento, e que o trabalho informal faz com que muitas pessoas consigam adquirir os próprios negócios. Também relatou que muitas pessoas que trabalhavam no formal durante longos anos, num período de crise perderam seus empregos de 10 ou 20 anos, e que o trabalho informal incentiva as pessoas a terem seus próprios negócios.
15	Quais são as desvantagens de trabalhar de forma informal?	A desvantagem é no caso de ter algum problema de saúde e não consegue ir trabalhar e não receber, ou seja, não ter um auxílio de saúde em que é remunerada estando de baixa. E diz, que é só mesmo neste caso, porque no caso do fundo de garantia, existem outras opções mais lucrativas de gerir este valor com que se faz as contribuições, do que no fundo descontar para ser o Estado a gerir.
16	Pensa que existem vantagens neste tipo de emprego para o desenvolvimento do Brasil? E porquê?	Acha que isso depende, há empresas que podem ter prejuízos por não ter pessoas trabalhando também de forma informal. A entrevistada tem algumas dificuldades em dar uma resposta e estimulada sobre a questão, a participante pensa que no sentido do não pagamento de impostos, seria desvantajoso porque os valores dos impostos não seriam aplicados na sociedade. E remata a questão dizendo que talvez não teria vantagem para a própria empresa em si.
17	O que você acha que o governo poderia fazer para promover o emprego formal?	De início não sabia muito bem, e quando foi perguntado se achava que o governo estava a fazer algo respondeu que acha que não estão a fazer nada, porque vê muito desemprego. Diz que o governo poderia investir mais na educação. Proporcionar menos pão e circo e capacitar mais os jovens para o mercado de trabalho formal. E diz: “(...) porque hoje em dia as pessoas estão optando

		a trabalhar mais de maneira informal devido à situação que o governo proporciona né.” Isso acontece porque os impostos são altos, e os preços dos produtos estão muito elevados, o que leva as pessoas a optarem por mais de um trabalho, e escolher também a informalidade.
18	Você acha que o governo brasileiro teve algum papel ou influência na sua decisão de trabalhar de forma informal?	De certa forma a entrevistada acha que sim, porque a mesma não viu vantagens nos benefícios que o governo proporciona, e que assim já vê, pensa que teve uma certa influência.
19	Você acha que o governo brasileiro tem algum papel no combate do emprego informal?	A entrevistada acha que não está a fazer nada, porque vê muitas pessoas a trabalhar informalmente, e porque os empregadores estão em situações difíceis por conta dos impostos. Então pensa que não há incentivo, mas que ainda é cedo porque o novo governo (Jair Bolsonaro) é muito recente, mas que vem com uma política diferente.
20	Quais as razões que levariam a aceitar um trabalho formal?	A participante diz que talvez se trabalhasse em algo que ela goste, e se ganhasse mais do que o salário mínimo, isso seria um incentivo ao trabalho formal, pois já ficou percebido ao longo da entrevista que ela ganha mais do que o mínimo, por receber tudo na íntegra. Aí sim já teria interesse também nos benefícios que a formalidade oferece.
21	Quais as razões que não levariam a aceitar um trabalho formal?	Nesta pergunta eu fiz uma confusão por conta da pausa que eu tive que fazer, essa confusão é vista na transcrição. Eu desconcentrei-me e não a fiz, achei que tinha repetido a questão anterior. Mas, pelo que a participante já disse ao longo da entrevista, dá a entender que se ganhasse apenas um salário mínimo não teria interesse. Ela já disse em quais condições aceitaria o trabalho formal, então a partir daí é fácil deduzir o contrário.
22	O emprego informal justifica-se pela probabilidade do desemprego acontecer a curto ou médio prazo?	A participante acha que as pessoas trabalham no informal por não terem também opção, e pela mudança que o país tem vivenciado e conseqüentemente a falta de garantias faz com que as pessoas optem pelo trabalho informal. Também acha que a informalidade é uma saída para pessoas mais humildes que necessitam, que não têm um estudo concluído, ou um currículo adequado.
23	Houve alguma pergunta que não fiz que acha importante e que deveria ter feito?	A participante gostou da entrevista e achou completa, mas não quis acrescentar mais nada.

Tabela A9 – P8: Sindicato

Sindicato dos Empregados no Comércio

	Questões	P8
1	O sindicato possui conhecimento da realidade do emprego informal?	Sim.
2	Reconhece que dentro dos seus associados existe a prática de trabalho informal ocasional, sazonal ou permanente?	Sim, existe na categoria dos empregados do comércio tem muita informalidade, como por exemplo os trabalhadores que trabalham nas praias, mas os associados não são informais, eles são registrados.
3	Qual a posição do sindicato em relação à esta questão?	O sindicato diz que a informalidade traz muita insegurança, deixa os trabalhadores vulneráveis. Referem também todos os benefícios e toda segurança da formalidade, como seguro social, fundo de garantia, décimo terceiro, a segurança de ter um emprego garantido por um contrato. E rematam dizendo que muitas vezes a diminuição da taxa de desemprego reflete-se em pessoas que estão a trabalhar de forma informal, em biscates.
4	Quais as medidas que acham necessárias que promovam um comportamento do associado na procura e persistência do trabalho informal?	O sindicato explica que pode haver uma confusão na pergunta porque, os associados não são informais, mas na categoria existe muita informalidade. Explicam que hoje a categoria tem 25 mil trabalhadores na cidade, e que estes não são todos associados do sindicato são apenas da categoria, mas sim há muitos informais. Relativamente às medidas, o sindicato faz a fiscalização do comércio, e dizem: “Isso é uma questão de economia! De governo! De política governamental!”. Tudo depende das políticas que os governos desenvolvem, e dizem que a distribuição de renda faz diminuir a informalidade. Dizem que as políticas que o atual governo (Jair Bolsonaro) pratica faz com que quem é rico fique muito mais rico e quem era pobre fique muito mais pobre. Acrescentam que quanto mais pessoas informais, menos pessoas vão se aposentar e receber o mínimo do mínimo. Fazem muitas queixas da reforma trabalhista que o atual governo fez, que está a acabar com os direitos trabalhistas, em que os empresários estão a ganhar mais e os trabalhadores recebem menos, ou seja, não há distribuição de renda.
5	O quê que o sindicato pode fazer em relação a isto?	O que o sindicato pode fazer é denunciar no Ministério do Trabalho, podem esclarecer os empregados e levar a informação da precariedade que está a ter nas relações do trabalho com a nova política do atual governo, mostrar para os trabalhadores os direitos que eles estão a perder. A principal coisa que o sindicato pode fazer é levar a informação. Os sindicatos trabalham com as leis vigentes, existe uma convenção entre os sindicatos dos trabalhadores e os sindicatos

		<p>patronais, há uma negociação. Mas também depende de quem está no governo, e agora os sindicatos dos trabalhadores estão enfraquecidos, porque o governo está do lado dos empresários. Eles dizem que os trabalhadores perderam força com o voto, eles avisaram aos trabalhadores o que iria acontecer se o governo mudasse.</p> <p>Dizem que a economia está a piorar porque os trabalhadores estão recebendo menos devido à perda de muitos direitos, e isso faz com que haja menos consumo, e dizem que os próprios empresários estão a ter dificuldades e estão a fechar muitos comércios. Afirmam que hoje em dia não há tanta procura do comércio por trabalhadores.</p> <p>Relembra que o governo anterior a este, o de transição do ex-presidente Temer, precarizou as leis trabalhistas criando muitas formas de contrato de trabalho, uma delas é o contrato intermitente em que o empregador não paga um salário mensal mas sim apenas horas de trabalho. Citam alguns casos de injustiças que aparecem no sindicato.</p> <p>Outra política atual, é o fato das pessoas virarem empresa com o MEI (<i>Microempreendedor Individual</i>) em que uma pessoa torna-se empresa com um CNPJ e passa a ser prestadora de serviço e não funcionário com direitos.</p> <p>Dizem que 70% da categoria de trabalhadores do comércio é formada por mulheres e que estão a perder muitos direitos, os trabalhadores que têm família perderam muitos direitos, inclusive os que incluíam trabalhar aos domingos e feriados.</p>
<p>6</p>	<p>Qual a opinião e posição do sindicato em relação às políticas atuais que poderão afetar de forma direta o comportamento dos cidadãos à procura do mercado formal?</p>	<p>Relativamente à esta pergunta, já foi falado no decorrer da entrevista, que muitas políticas atuais não vão de encontro com os direitos dos trabalhadores, mas sim com o maior enriquecimento dos empresários, traduzindo-se em menos distribuição de renda e consequentemente uma classe de trabalhadores mais pobre e com menos direitos. O sindicato acrescenta que as políticas atuais são totalmente contrárias, e que está a promover uma concentração de renda.</p>
<p>7</p>	<p>Como o sindicato se vê no futuro em relação à problemática do emprego informal?</p>	<p>O sindicato não consegue ver um futuro, acham que os sindicatos vão fechar, e dizem: “(...) hoje o Ministério do Trabalho o governo extinguiu. O Ministério do Trabalho virou uma secretaria, que foi incorporada pelo Ministério da Justiça (...)” Dizem que o governo tirou a renda dos sindicatos e que eles vão fechar, e não haverá mais quem dê auxílio aos trabalhadores.</p>

		Fazem duras críticas ao atual presidente Jair Bolsonaro: “(...) esse governo não nos representa nem política que ele faz, e nem no que ele diz, nem em comportamento, nem em nada, é um governo sem..., o presidente é uma pessoa sem ética! Sem nada! Sem respeito!” Acham que a perspectiva será de aumento da informalidade e da pobreza.
8	Houve alguma pergunta que não fiz que acha importante e que deveria ter feito?	Acrescentaram algumas situações triviais de pessoas que dizem que o presidente tem atitudes muito impróprias, mas que há muitas pessoas que defendem porque vão contra o Partido dos Trabalhadores.

Tabela A10– P9: Sindicato

Sindicato dos Empresários dos Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares		
	Questões	P9
1	O sindicato possui conhecimento da realidade do emprego informal?	O Presidente do sindicato começa por dizer o seguinte: “(...) o emprego informal ele existe no Brasil é principalmente pelos graves impostos e pelo alto custo que ele impõe a quem emprega.” E acrescenta que isso diminui o incentivo ao emprego e que as pessoas acabam entrando na informalidade, porque ou não se consegue um emprego, ou os trabalhadores acham que ao trabalhar informal vão ter uma remuneração maior.
2	Reconhece que dentro dos seus associados existe a prática de trabalho informal ocasional, sazonal ou permanente?	Existe o sazonal amparado por lei, o que é diferente. E explica: “O trabalho na informalidade no nosso setor, ele só existe na forma de contratações individuais para eventos.” Isto aplica-se por exemplo para um empregado de mesa, em que é contratado para estes trabalhos eventuais. Mas este trabalho informal foi facilitado com a criação do MEI (<i>Microempreendedor Individual</i>) em que estes trabalhadores que eram informais, passam a ser ter um CNPJ (<i>Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica, é o mesmo que o NIF para empresas.</i>) e assim podem prestar serviços de forma legal, passam a ser prestadores de serviços. Essa foi uma saída para a pessoa física prestar serviço e emitir uma fatura do serviço prestado sem ter um vínculo laboral. Diz que essa prática tem sido comum também na área dos professores, mas ressalta: “(...) isso é tudo em função do alto custo do registo de emprego no Brasil”. Adverte para que não exista ilegalidade, que isso não, em hipótese alguma.

		<p>Deu exemplos de outros tipos de trabalhos informais como os vendedores ambulantes e vendas pela internet, que isso é informal. Diz que a informalidade não está num setor, há muitas outras formas de ser trabalhador informal, conta que a empregada doméstica está regularizada mas a faxineira não. Por último diz que as empresas têm que garantir que não participam de algo ilegal, porque se estas contratam trabalhadores para trabalhar informalmente, esta é uma prática ilegal.</p>
3	Qual a posição do sindicato em relação à esta questão?	<p>A orientação do sindicato é que se faça tudo dentro das regras e da formalidade, mesmo que tenha apenas um trabalhador eventual, contratado só para alguns eventos. Os trabalhadores devem estar legalizados na forma de prestadores de serviços para trabalhar nos dias em que são chamados, quando a empresa precisa, e depois os trabalhadores são dispensados e pagos de forma legal pelo período trabalhado.</p> <p>O presidente do sindicato insiste em dizer que o governo tem que baratear o custo da contratação de um empregado, porque são muitos impostos que as empresas têm que arcar, isso tem um peso muito grande e desestimula a franja empresarial, mas dá a entender que isso já está na pauta política.</p>
4	Quais as medidas que acham necessárias que promovam um comportamento do associado na procura e persistência do trabalho informal?	<p>O presidente diz que o trabalho informal sempre existiu, e não será extinto. E que muitas vezes o número expressivo de trabalhadores informais é por opção do próprio trabalhador. Explica também que as pessoas vão para o caminho da informalidade por uma questão de sobrevivência, e diz que a informalidade permite que pessoas cheguem na formalidade, em que uma pessoa começa a produzir algo, e começa a crescer gradualmente, faz contratação, e começa a pensar em registar o negócio e passa a ter uma empresa, diz que muitos informais acabam assim, a se transformarem em empresas formais e dá alguns exemplos disso.</p> <p>Explica também que: “(...) quase sempre o trabalho informal é uma opção de vida ou uma opção de ganho.” Conta que muitas pessoas não estão satisfeitas com seus empregos, acham-se mal remunerados, ou que trabalham demasiado então pensam numa atividade em que sintam-se mais satisfeitos financeiramente.</p> <p>Quando perguntado, responde que há muitos associados que começaram de forma informal e hoje têm muito sucesso. E frisa que a informalidade não é ilegalidade, isso acontece quando atravessa a lei. Diz que há muitos campos, o da área ilegal, o da</p>

		<p>área da oportunidade, o da área da inspiração, o da área da habilidade, e que a ilegalidade deve ser banida. Pois o presidente considera que contratar alguém para prestar um serviço mesmo que seja num evento, sem que a pessoa esteja de alguma forma regulamentada é ilegal, e devem agir dentro da formalidade.</p>
5	O quê que o sindicato pode fazer em relação a isto?	<p>Não fiz esta pergunta porque já foi dito no início da entrevista em que a orientação do sindicato é que se faça tudo dentro das regras e da formalidade.</p>
6	Qual a opinião e posição do sindicato em relação às políticas atuais que poderão afetar de forma direta o comportamento dos cidadãos à procura do mercado formal?	<p>Diz que esta nova medida política por exemplo de fazer um novo contrato de trabalho chamado verde e amarelo é uma oportunidade para contratar jovens num formato mais económico para a empresa. Porque diz que um trabalhador custa o dobro do seu salário em contribuições e impostos pagos ao governo, e que este novo contrato é uma das medidas que ao atual governo implementou para contratação de jovens, por exemplo. Diz também que está a ter uma formulação das leis trabalhistas por parte do governo.</p> <p>Fica explícito que são questões políticas porque o atual governo tende mais para o lado da franja empresarial, o governo de esquerda vai defender mais os direitos dos trabalhadores, e que apesar de um governo estar no poder, existe uma certa equidade em que um lado não está muito próximo do outro.</p>
7	Como o sindicato se vê no futuro em relação à problemática do emprego informal?	<p>A resposta foi que este setor não enxerga a informalidade, que não existe a informalidade, mas sim como é que se pode contratar alguém que custe menos. Eles pretendem ter um custo reduzido na contratação, mas de forma a não explorar o trabalhador. E ressalta: “(...) a informalidade para nós, não é um parâmetro, não serve, não interessa. Só se considerasse informal que presta um serviço ocasional e eventual, mas que hoje em dia com o MEI, já há uma segurança porque eles prestam um serviço e emitem uma fatura. A orientação é sempre esta, sempre dentro da legalidade. Quando questionado se essa contratação pode existir sem que o trabalhador ocasional seja um prestador de serviço, ou seja sem ele seja um MEI, o presidente responde que isso não deveria existir porque vai para a ilegalidade. Acrescenta que a informalidade com ilegalidade não combina, e que deve usar a informalidade de uma forma legal.</p>
8	Houve alguma pergunta que não fiz que acha importante e que deveria ter feito?	<p>Apenas finaliza a entrevista dizendo o seguinte: “O trabalho informal sempre existiu, existe e sempre vai existir!”.</p>

Tabela A11 – P10: Trabalhador em Sistema Misto

Trabalhador em Sistema Misto – Emprego Formal e Informal em Simultâneo		
	Questões	P10
1	Sexo	Masculino
2	Qual a sua idade?	31 anos.
3	Qual a sua escolaridade?	Ensino Secundário.
4	Qual a sua nacionalidade?	Brasileiro
5	A sua situação como estrangeiro/a está regularizada no Brasil?	-
6	Qual a sua atividade atual?	Vigilante Patrimonial.
7	Você tem conhecimento do emprego/trabalho informal?	O entrevistado respondeu que não tinha conhecimento, foi explicado o que é informalidade numa forma sucinta.
8	Já praticou ou pratica o emprego informal enquanto trabalha de forma formal? Porquê?	Sim, pratica é motorista de aplicativo (Uber). Iniciou o trabalho informal quando estava desempregado, mas depois conseguiu um emprego formal, e continuou praticando o informal nos fins de semana para complementar a sua renda.
9	Se tiver respondido que já praticou antes: Como que você iniciou o trabalho na informalidade antes?	Sim, já trabalhou antes informalmente, na construção de forma diária. Isto já foi há mais de onze anos porque está na vigilância há dez anos. Iniciou antes por necessidade, foi à procura de trabalho e foi o que conseguiu naquela altura.
10	Se tiver respondido que não praticou antes, apenas pratica agora: Como que você iniciou o trabalho na informalidade?	-
11	Se tiver respondido que praticou antes e que continua a praticar: Como que você iniciou o trabalho na informalidade antes e agora?	Agora iniciou porque estava desempregado, e através de um amigo conheceu esta possibilidade de fazer um rendimento extra.
12	Como você se vê nessa posição em termos de um elemento ativo na sociedade? Como você se sente em lidar com estes dois sistemas? Estas duas maneiras de trabalho?	O entrevistado diz que sente-se bem, gostaria de ter mais, mas sabe que teria que estudar e diz não ter tempo disponível, por conta da sua vida e família, e assim opta por fazer o que diz ser o mais fácil.
13	Qual o motivo de você estar nesta situação de informalidade?	O motivo é financeiro, trabalha de forma informal porque diz que o dinheiro é pouco e que tem que trabalhar mais para também ganhar um pouco mais. Este é o principal motivo, obter um valor que se consiga viver.
14	Quais são as vantagens que você vê trabalhando de forma informal?	Para além do complemento salarial não vê outra vantagem.
15	E quais são as desvantagens?	Também não vê desvantagens em trabalhar assim.

16	Pensa que existem vantagens neste tipo de emprego para o desenvolvimento do Brasil? E porquê?	Acha que não tem vantagens, que deveriam fazer as coisas de uma maneira mais correta, mas as pessoas optam pelo que é mais fácil. Também diz que o Brasil está numa situação complicada, e que ainda tem muito para evoluir.
17	O que você acha que o governo brasileiro poderia fazer para promover o emprego formal?	Acha que poderia fazer, mas não sabe dizer muito bem o quê que poderia ser feito. Pergunta se acha que faz pouco de modo a tentar estimular o entrevistado a refletir sobre o assunto, pelo que este responde que não vê o governo fazendo nada. Diz que os governos são maus, o anterior e o atual, e acha que não fazem nada.
18	Você acha que o governo brasileiro teve algum papel ou influência na sua decisão de trabalhar de forma informal?	Dizer ter tido influência por conta da falta de trabalho, porque procurou muito e não achava. Diz que agora também não está melhor, estagnou, mas que não está melhor.
19	Você acha que o governo brasileiro tem algum papel no combate do emprego informal?	O entrevistado diz que não vê nenhuma ação do governo nesse sentido de combate a informalidade. Acrescenta também que por conta do alto índice de desemprego as pessoas fazem o que pode, vendem refeições na rua, trabalham com aplicativos, vendem água no semáforo, entre muitas outras coisas.
20	Quais as razões que levariam a aceitar apenas um trabalho formal?	Diz que se tivesse uma proposta de trabalho em que seu salário fosse igual ao que ele ganha atualmente nas suas duas formas de trabalhar, aceitaria apenas o formal.
21	Quais as razões que não levariam a aceitar um trabalho formal?	Não teria uma razão para não aceitar um trabalho formal, demonstra prezar um trabalho formal acima de tudo, que tem bastante benefício independentemente de qualquer coisa e só trabalha informal para complemento salarial.
22	Qual a razão de continuar a trabalhar de forma formal e não passar completamente para a informalidade? Qual o peso que tem o trabalho informal no trabalho formal?	Não fiz esta questão pois, deu para perceber de acordo com a entrevista que o peso do informal não é tão grande quanto o peso do formal. Ele tem como principal o seu trabalho formal e o informal sendo apenas um complemento.
23	Na sua opinião o emprego informal justifica-se pela probabilidade do desemprego acontecer a curto ou médio prazo?	O entrevistado acha que a informalidade é mais a curto prazo, até conseguir o que deseja que é prestar outros concursos.
24	Se o Estado brasileiro propusesse um plano personalizado de carga fiscal, dimensionado ao trabalho realizado e base salarial, seria um bom motivo para tornar-se/manter-se formal?	Não coloquei esta questão porque penso que não faria sentido por conta do conteúdo extraído da entrevista, não seria por um plano personalizado na carga fiscal que este entrevistado passaria a ser apenas formal.
25	Houve alguma pergunta que não fiz que acha importante e que deveria ter feito?	Não quis acrescentar nada.

Tabela A12 – P11: Colaborador Informal

Colaborador Informal		P11
	Questões	
1	Sexo	Masculino
2	Qual a sua idade?	53 anos
3	Qual a sua escolaridade?	Ensino Secundário Incompleto.
4	Qual a sua nacionalidade?	Brasileiro
5	A sua situação como estrangeiro/a está regularizada no Brasil?	-
6	Qual a sua atividade atual?	Estafeta
7	Você tem conhecimento do emprego/trabalho informal?	Sim
8	Trabalha de forma informal?	Como já sabia que sim trabalha de forma informal, passei para a pergunta seguinte.
9	Já praticou o emprego informal antes?	O entrevistado conta que já trabalhou várias vezes, como um complemento salarial, relata que tinha um trabalho e fazia uns extras de forma informal
10	Como você iniciou o trabalho na informalidade antes?	No passado iniciou normalmente por uma indicação. Diz que se fosse algo que se encaixasse na sua carga horária e então aceitava.
11	Como você iniciou o trabalho na informalidade agora?	Atualmente aceitou por necessidade, chegou na cidade como imigrante e precisava de um emprego rápido para sobreviver. Iniciou noa atual emprego por indicação de um familiar.
12	O que você pensa para o futuro em relação ao trabalho informal? Você pretende continuar a praticá-lo no futuro?	Durante a entrevista foi dito que se tivesse uma oportunidade aceitava. Já referiu que está a trabalhar por necessidade. Desde que não pagasse muito pouco e fizesse muitas horas, uma oportunidade mais justa aceitaria.
13	Qual o motivo de você estar nesta situação de informalidade?	O motivo já foi dito que foi por necessidade. Chegou na cidade e precisava de um emprego.
14	Quais as vantagens que você vê trabalhando de forma informal?	O participante diz que uma vantagem é ter menos burocracia na contratação, e de ser vantajoso para os empresários.
15	Quais são as desvantagens de trabalhar de forma informal?	Vê desvantagens porque está desprotegido, diz que é uma profissão de risco. Então se sofrer um acidente não tem garantias nenhuma, nem salarial nem de um auxílio por uma questão de saúde, e diz: “(...) se eu sofrer um acidente, estou por conta da sorte”. Sente que fica desguarnecido financeiramente.
16	Pensa que existem vantagens neste tipo de emprego para o desenvolvimento do Brasil? E porquê?	O participante acha que não, porque deixa de arrecadar dinheiro valores que deveriam voltar em forma de benefícios para a sociedade, mas que o Brasil tem um problema muito grande de corrupção. Ele acha que se o país tivesse um governo decente e

		bem-intencionado, se tivesse os problemas com a corrupção seria uma total desvantagem para o país porque deixa de arrecadar.
17	O que você acha que o governo poderia fazer para promover o emprego formal?	A resposta do participante foi: “Acabar com a corrupção, realmente dá vazão para que foi planejado o dinheiro, realmente dar a finalidade verdadeira para que o dinheiro é arrecadado.” Refere que abrir mais postos de trabalho e incentivar a franja empresarial também seriam ações de promoção ao emprego formal. Também refere a situação burocrática, o analfabetismo e a pouca educação literária, diz que muitas pessoas são manipuláveis por não conhecerem seus direitos.
18	Você acha que o governo brasileiro teve algum papel ou influência na sua decisão de trabalhar de forma informal?	Acha que tem total influência, que se dependesse do governo passava fome, faz novamente referência da presença da corrupção noutros setores como por exemplo o prisional em que até aí existe corrupção. Acha que os países de cultura quente tem uma cultura de ser mais festeira e não reivindicar tanto os seus direitos como deveriam, ou seja, atribui a culpa dessa situação toda também à população.
19	Você acha que o governo brasileiro tem algum papel no combate do emprego informal?	Pensa que está sendo muito pouco, refere que há o SEBRAE que a instituição faz um bom trabalho na ajuda do pequeno e médio empresário, mas que depois cai numa situação de muita burocracia, e fica tudo na mesma.
20	Quais as razões que levariam a aceitar um trabalho formal?	Disse que se tivesse uma oportunidade de ter um trabalho formal aceitaria na hora, mas que continuaria a praticar o informal também para complementar a renda, uma vez que o salário não é justo e que há a necessidade de ter mais conforto.
21	Quais as razões que não levariam a aceitar um trabalho formal?	Se tiver a proposta de um trabalho formal que não pague bem e que tenha uma carga horária muito pesada, que não permita ter um trabalho extra, em que trabalhe mais e receba muito menos não seria interessante porque seria um escravo, porque não poderia fazer mais nada e não teria tempo hábil.
22	O emprego informal justifica-se pela probabilidade do desemprego acontecer a curto ou médio prazo?	Sim, porque refere que não ocupa em nada só traz benefício. Ele responde: “Eu enquanto povo, enquanto cidadão ele tá me ajudando, ele tá me propiciando o que eu preciso, para continuar interagindo na sociedade, comprando, vendendo, vivendo!”
23	Houve alguma pergunta que não fez que acha importante e que deveria ter feito?	O participante achou a entrevista adequada e as perguntas claras. Não quis acrescentar mais nada, porque acha que não iria mudar a situação e que se continuasse a dar sua opinião, sairia do assunto principal.

Tabela A13 – P12: Trabalhador em Sistema Misto

Trabalhador em Sistema Misto – Emprego Formal e Informal em Simultâneo		
Questões	P12	
1	Sexo	Masculino
2	Qual a sua idade?	37 anos.
3	Qual a sua escolaridade?	Ensino Secundário.
4	Qual a sua nacionalidade?	Brasileiro
5	A sua situação como estrangeiro/a está regularizada no Brasil?	-
6	Qual a sua atividade atual?	Decorador de festas e eventos (Formal); Decorador de festas e eventos autônomo (Informal); Senhorio de imóveis (Informal).
7	Você tem conhecimento do emprego/trabalho informal?	Sim, tem conhecimento.
8	Já praticou ou pratica o emprego informal enquanto trabalha de forma formal? Porquê?	Sim, pratica o trabalho informal. Durante a semana de segunda a sexta trabalha formalmente, e fins de semana e feriados faz eventos. Também construiu pequenos imóveis para arrendar, deixou claro que não declara impostos daquilo que faz fora do seu emprego formal, ele diz que: “No Brasil nunca!”
9	Se tiver respondido que já praticou antes: Como que você iniciou o trabalho na informalidade antes?	O entrevistado iniciou esse trabalho informal há uns quatro anos, e depois virou profissão.
10	Se tiver respondido que não praticou antes, apenas pratica agora: Como que você iniciou o trabalho na informalidade?	-
11	Se tiver respondido que praticou antes e que continua a praticar: Como que você iniciou o trabalho na informalidade antes e agora?	O entrevistado respondeu que foi à falência de uma floricultura que tinha, e saiu de lá e começou a trabalhar formalmente. Neste trabalho formal ele criou um setor, ele diz que criou a empresa para o chefe com intuito de também aumentar seu salário. A partir daí viu a oportunidade de fazer festas. E relativamente às casas, ele diz que investiu os rendimentos que ganhou no informal e remodelou sua casa que era muito grande, para ter mais um rendimento extra.
12	Como você se vê nessa posição em termos de um elemento ativo na sociedade? Como você se sente em lidar com estes dois sistemas? Estas duas maneiras de trabalho?	O entrevistado diz que gosta do que faz, e que este trabalho informal está se transformando numa formalidade. Em mais alguns meses ele pretende ser o dono da atual empresa em que trabalha.
13	Qual o motivo de você estar nesta situação de informalidade?	Para além do que já foi dito que o entrevistado iniciou porque estava falido, com problemas financeiros, sem dinheiro ele acrescenta que conseguiu pagar todas as suas dívidas, e tudo

		isso com o trabalho da informalidade. Ele diz que com o salário do comércio não conseguiria ter pago tudo, deu a entender que é muito baixo dizendo: “(...) eu não sei como é que as pessoas conseguem sobreviver na verdade.”
14	Quais são as vantagens que você vê trabalhando de forma informal?	O entrevistado diz que a maior vantagem é o dinheiro, mas que no caso dele como ele ama o que faz, uniu o amor pela profissão e o rendimento altamente satisfatório. Mas ressalta que o maior fator é a questão monetária, porque também não se paga impostos. Num dado momento no início da entrevista ele diz que não declara o trabalho informal e que não paga os impostos, ainda brinca: “No Brasil nunca!”, porém mais a frente diz que paga todos os seus impostos. Penso que ele se referiu ao formal, e à outros impostos obrigatórios como o IMI ou assim. E faz uma referência ao mau uso dos impostos pagos reclamando das estradas, da segurança e do setor da saúde. Diz que a entrada para o informal foi por uma questão de sobrevivência.
15	E quais são as desvantagens?	Com a informalidade o entrevistado não consegue emitir faturas, e a carga horário que este faz com ambos os trabalhos, não consegue descansar muito bem, e conseqüentemente tem um cansaço físico e o mental.
16	Pensa que existem vantagens neste tipo de emprego para o desenvolvimento do Brasil? E porquê?	O entrevistado acredita que o informal movimentava a economia, mas que a sua preocupação é a corrupção, porque não vê os impostos serem devolvidos na íntegra, que entra governo e sai governo e existe uma grande ideia de obras superfaturadas, entre outras questões, fica demonstrado aqui que isso é um desincentivo à formalidade, pois não vê benefício em contribuir com impostos.
17	O que você acha que o governo brasileiro poderia fazer para promover o emprego formal?	Ele pensa que seria interessante para o governo a questão da formalidade porque assim haveria mais contribuintes, mas que existe muita burocracia, e que o governo deveria investir mais na educação, e reduzir a burocracia. Mas refere, que burocracia também é importante porque por exemplo há trabalhadores que são explorados, mas pensa que essa questão burocrática poderia ser melhorada com um sistema diferenciado. Diz que é tudo muito lento, e que por exemplo teve muitas dificuldades para encerrar a antiga empresa, ressalta que deveria ser mais fácil tanto abrir como encerrar uma empresa, deveria ser um processo mais simples.

18	<p>Você acha que o governo brasileiro teve algum papel ou influência na sua decisão de trabalhar de forma informal?</p>	<p>Pensa que sim, como disse anteriormente, ele entrou em falência e queria pagar o que devia. Mas os salários são muito baixos, então teve que recorrer à informalidade para pagar as contas e sobreviver num país que não paga bem. Apesar do antigo governo ter dado mais acesso às pessoas, mais do que o atual. Ele pensa que o país teve algum papel sim, que foi fundamental.</p>
19	<p>Você acha que o governo brasileiro tem algum papel no combate do emprego informal?</p>	<p>A percepção que o entrevistado tem é que o atual governo quer que as pessoas saiam da informalidade, entretanto por um lado dá acesso à novos empresários e por outro lado tira direitos trabalhistas, desta forma ele acredita que continua tudo na mesma, em que uma pessoa sai da informalidade, mas que depois contrata um trabalhador que passa a ser escravizado, isso na visão do próprio. Diz que é uma sociedade hipócrita.</p>
20	<p>Quais as razões que levariam a aceitar apenas um trabalho formal?</p>	<p>O entrevistado diz que por uma questão de realização pessoal ele não aceitaria um emprego formal, até porque pretende ter o seu próprio negócio, portanto hoje não aceitaria trabalhar apenas no seu trabalho formal.</p>
21	<p>Quais as razões que não levariam a aceitar um trabalho formal?</p>	<p>Algumas razões já foram ditas ao logo da entrevista como por exemplo a questão salarial em que o entrevistado recebe mais no informal do que no formal, e amor ao trabalho que presta no informal. Mas que abrir seu próprio negócio é o seu motivo, entretanto acha que o baixo salário é uma é um problema tratando-se de uma visão generalista.</p>
22	<p>Qual a razão de continuar a trabalhar de forma formal e não passar completamente para a informalidade? Qual o peso que tem o trabalho informal no trabalho formal?</p>	<p>O entrevistado diz que o salário fixo que ele recebe no formal é necessário para os seus compromissos fixos, ele continua no formal por uma questão financeira. E quando pergunto sobre as seguranças que o trabalho formal traz, como aposentadoria e assim, ele responde que não é por conta disso, porque não há seguranças no país, que nem pensa nessas questões se quer, diz mesmo: “Nem passa pela cabeça.” Ressalta que ele próprio está criando sua aposentadoria inclusive com os aluguéis das casas, e que se quiser no futuro pode também contribuir para uma aposentadoria por fora.</p>
23	<p>Na sua opinião o emprego informal justifica-se pela probabilidade do desemprego acontecer a curto ou médio prazo?</p>	<p>O entrevistado diz que o desemprego é o maior fator para a informalidade, e as pessoas usam da sua criatividade para um momento de necessidade extrema. Diz que não foi o caso dele, porque para ele aconteceu por conta da sua profissão, mas que isso acontece com a maioria das pessoas.</p>

24	Se o Estado brasileiro propusesse um plano personalizado de carga fiscal, dimensionado ao trabalho realizado e base salarial, seria um bom motivo para tornar-se/manter-se formal?	Esta questão não foi feita porque de acordo com tudo que já foi relatado, pareceu-me que não faria sentido fazê-la.
25	Houve alguma pergunta que não fiz que acha importante e que deveria ter feito?	Não quis acrescentar nada, acha que ficou tudo bem feito.

Tabela A14 – P13: Colaborador Informal

Colaborador Informal		P13
	Questões	
1	Sexo	Feminino
2	Qual a sua idade?	48 anos
3	Qual a sua escolaridade?	Ensino Básico
4	Qual a sua nacionalidade?	Brasileira
5	A sua situação como estrangeiro/a está regularizada no Brasil?	-
6	Qual a sua atividade atual?	Costureira.
7	Você tem conhecimento do emprego/trabalho informal?	Respondeu que não sabia muito bem o que era, então foi explicado de forma sucinta.
8	Trabalha de forma informal?	Sim, atualmente trabalha como costureira numa empresa.
9	Já praticou o emprego informal antes?	Sim.
10	Como você iniciou o trabalho na informalidade antes?	Trabalhou em casa durante um período como costureira, e depois de um tempo registou a empresa. Mas acabou por encerrar a atividade empresarial e voltou ao informal.
11	Como você iniciou o trabalho na informalidade agora?	O atual trabalho informal aconteceu porque havia encerrado a sua anterior empresa de costura, mudou-se de cidade e estava a trabalhar de forma informal em outro local. Esta atual empresa em que a entrevistada trabalha levava serviço para o local em que a participante trabalhava ela os conheceu lá, e a própria os contactou e pediu-lhes emprego.
12	O que você pensa para o futuro em relação ao trabalho informal? Você pretende continuar a praticá-lo no futuro?	A entrevistada responde que não queria, mas que se não houver uma outra oportunidade terá que continuar a trabalhar de forma informal.
13	Qual o motivo de você estar nesta situação de informalidade?	O motivo é mesmo o fato de que estava desempregada. Porque até trabalhou noutra confecção com um contrato de trabalho, mas esta também encerrou atividade e a participante viu-se no desemprego.

14	Quais as vantagens que você vê trabalhando de forma informal?	A entrevistada pensa que para ela não há muitas vantagens, diz que a única vantagem é mesmo ter um meio de sobrevivência, no caso ter um emprego e um salário.
15	Quais são as desvantagens de trabalhar de forma informal?	Para a participante a desvantagem é perder os benefícios da formalidade e o fato de não ter muitas garantias.
16	Pensa que existem vantagens neste tipo de emprego para o desenvolvimento do Brasil? E porquê?	A entrevistada pensa que tem vantagens, e estimulada responde que no caso de empregar as pessoas sim é vantajoso, e que a economia gira. Novamente estimulada sobre o não pagamento dos impostos, diz que neste sentido já não é vantajoso.
17	O que você acha que o governo poderia fazer para promover o emprego formal?	A entrevistada responde que o governo poderia diminuir os impostos e deveria ter menos burocracia. Acha que isso causa muita informalidade, porque diz que: “(...) a metade do que a gente ganha é..., pagar imposto né.”
18	Você acha que o governo brasileiro teve algum papel ou influência na sua decisão de trabalhar de forma informal?	Pensa que sim, porque os impostos eram muito altos e muitas empresas tiveram que fechar, também por conta da queda nas vendas, e isso origina o emprego informal.
19	Você acha que o governo brasileiro tem algum papel no combate do emprego informal?	Pensa que atualmente o governo não faz nada para as pessoas saírem da informalidade.
20	Quais as razões que levariam a aceitar um trabalho formal?	Aceitaria um trabalho formal para receber os seus direitos.
21	Quais as razões que não levariam a aceitar um trabalho formal?	Não aceitaria se o salário não valesse a pena.
22	O emprego informal justifica-se pela probabilidade do desemprego acontecer a curto ou médio prazo?	A entrevistada não pretende continuar a trabalhar na informalidade, e aceitaria um trabalho formal se tivesse oportunidade.
23	Houve alguma pergunta que não fez que acha importante e que deveria ter feito?	Não quis acrescentar.

Tabela A15 – P14: Empreendedor e Microempreendedor

Empreendedor e Microempreendedor		
	Questões	P14
1	Sexo	Masculino
2	Qual a sua idade?	45 anos
3	Qual a sua escolaridade?	Ensino Secundário
4	Qual a sua nacionalidade?	Português

5	A sua situação como estrangeiro/a está regularizada no Brasil?	Sim
6	Qual a sua atividade atual?	Empresa de Confeção
7	Você tem conhecimento do emprego/trabalho informal?	Sim
8	A sua empresa é uma empresa formal?	Sim
9	Possui colaboradores/empregados a trabalhar de forma informal, sem carteira assinada? Porquê?	Sim, por conta da demanda da produção. Diz não ter o mesmo nível de produção, e que em alguns meses os colaboradores que tem basta, e outros meses a produção aumenta e tem de recorrer ao trabalho informal. Atribui o motivo à sazonalidade e por não ter estrutura para aguentar períodos com pouca produção.
10	A sua empresa recorre a trabalho extra não declarado? Porquê?	Não, todo o restante é recorrido a outras empresas.
11	No passado já foi ou teve uma empresa informal?	Não
12	Como você iniciou o trabalho na informalidade antes?	-
13	Qual a vantagem e a desvantagem de manter os colaboradores/empregados informais?	Vantagem: Para além do motivo ao qual ele contrata, a sazonalidade ser já ela uma vantagem, acha que o novo governo está desburocratizando mais a questão trabalhista, e também é bom para os funcionários pois dá-lhes mais liberdade de escolha. E que isso poderá fazer com que a informalidade baixe. Também acha que para o funcionário que queira gerir seu próprio dinheiro é uma vantagem Desvantagem: Para a empresa não vê muita desvantagem, mas para o funcionário que quer ter os seus direitos trabalhistas ele acha que há desvantagens, porque eles não os tem.
14	O que você pensa para o futuro em relação ao trabalho informal? Você pretende continuar a praticá-lo no futuro? Pretende continuar a contratar pessoas para trabalharem sem carteira assinada no futuro?	Não, ele diz que depende do crescimento económico e dos mercados, se a empresa crescer e virem que suportam os funcionários deu a entender que formalizaria. Apesar de reconhecer que acha interessante mantê-los na informalidade para motivá-los a ir trabalhar porque os colaboradores não sabem se terão sempre trabalho. Acha que a ter funcionários na formalidade é um bom indicador para o empresário porque ele confia e acredita no negócio, é sinal de mais trabalho, de segurança. Mas como as coisas estão sempre a mudar, não conseguem fazer uma previsão.
15	O que você pensa sobre o papel do governo brasileiro no combate a este tipo de emprego?	Acha que está a ser feito, como já disse anteriormente (a ideia da desburocratização) mas as coisas demoram muito no Brasil

	Você acha que o governo brasileiro faz alguma coisa para combater ou reduzir o emprego informal?	por conta dos três poderes. Porque se um poder tem uma ideia, tem que esperar que os outros aprovelem e depois há muitas jogadas políticas. Acha que se a economia crescer e se houver mais investimentos a informalidade vai diminuir por conta da oferta de empregos.
16	Na sua opinião o que o governo deve fazer para promover o emprego formal?	Para além do que já foi referido, acima, o entrevistado acha que o governo tem que estimular os empresários, para que eles tenham interesse em ter trabalhadores formalizados. Podem ser por exemplo uma redução nos impostos, ou uma premiação para empresas com um determinado número de funcionários, ou a dedução do imposto que a empresa terá que pagar no fim do mês.
17	Você acha que o governo brasileiro teve algum papel na sua decisão de contratar trabalhadores informais?	Não, ter trabalhadores informais foi uma estratégia da empresa para o momento e que pode ser mudada, dependendo do governo. Questionado se não teria a ver com a carga fiscal, responde que não.
18	O que você acha em relação ao custo associado em manter ou despedir um trabalhador?	Diz que é complicado manter porque quando a empresa se depara com momentos difíceis, diz que não consegue ter níveis de produção para manter tanta gente. Muitas vezes é um peso muito grande, acrescenta que o Estado é visto como um inimigo e que o Estado deveria ver os empresários como parceiros e estimulá-los para abrirem negócios porque o governo só tem a ganhar com o aumento da produção no país, porque assim arrecadam mais impostos.
19	Pensa que existem vantagens neste tipo de emprego para o desenvolvimento do Brasil? E porquê?	O entrevistado já deu a entender durante a entrevista que quanto mais formalidade mais se arrecada impostos. E diz que se houver mais segurança económica as pessoas investem mais, compram mais, como no caso de uma compra de uma casa, ou um carro, etc.
20	Para quem produz algo: Você consegue ter uma percepção ou consegue fazer um balanço entre aquilo que ganha e aquilo gasta em termos de produção, este é um grande incentivo para se manter na informalidade?	Não fiz esta pergunta.
21	Se o Estado brasileiro propusesse um plano personalizado de carga fiscal, dimensionado ao trabalho realizado e base salarial, seria um bom motivo para tornar-se/manter-se formal?	“Claro que sim!” O entrevistado diz que desde que haja estímulos para que os empresários não tenham medo e não tenham problemas com a contratação de mais funcionários, seria preferível. Assim poderiam produzir mais, ter mais capacidade, ter mais funcionários e tentar diminuir o fosso

		entre as pequenas e grandes empresas, pois há poucas empresas muito grandes e muitas muito pequenas.
22	Houve alguma pergunta que não fiz que acha importante que deveria ter feito?	O entrevistado fala nos escândalos de corrupção do antigo governo, mas que agora há mais esperança com o novo governo. Fala na corrupção da imprensa a favor do antigo governo pois antigamente recebiam fundos que foram cortados com ao atual governo. Diz que as coisas estão diferentes, e que há mais dinheiro a circular.
22	Quantos Funcionário a empresa possui?	Pssui 3 funcionários, 1 formal e 2 informais.
24	A empresa é familiar?	Não

Nota: As duas últimas perguntas foram acrescentadas depois de já ter feito o guião porque um participante forneceu informações que considereei serem importantes para fazerem aos próximos empresários. Esta nota também foi adicionada ao guião dos empresários e microempreendedores.

Tabela A16 – P15: Colaborador Informal

Colaborador Informal		
	Questões	P15
1	Sexo	Feminino
2	Qual a sua idade?	36 anos
3	Qual a sua escolaridade?	Ensino Secundário Incompleto
4	Qual a sua nacionalidade?	Brasileira
5	A sua situação como estrangeiro/a está regularizada no Brasil?	-
6	Qual a sua atividade atual?	Costureira.
7	Você tem conhecimento do emprego/trabalho informal?	Sim
8	Trabalha de forma informal?	Sim, trabalha como costureira numa empresa sem um contrato de trabalho.
9	Já praticou o emprego informal antes?	Sim
10	Como você iniciou o trabalho na informalidade antes?	Antes tinha um trabalho formal e em simultâneo trabalhava nas limpezas nos dias de folga.
11	Como você iniciou o trabalho na informalidade agora?	A participante prestava serviço em casa para a atual empresa a qual trabalha, e foi convidada a trabalhar nas instalações da mesma. Neste caso já havia um vínculo.

12	O que você pensa para o futuro em relação ao trabalho informal? Você pretende continuar a praticá-lo no futuro?	Não sabe responder essa questão por conta da situação atual do país, ela diz precisar do seu ordenado ganho no seu emprego informal para fazer face às suas despesas mensais e necessidades.
13	Qual o motivo de você estar nesta situação de informalidade?	O motivo é mesmo a necessidade, tem uma família monoparental e precisa do emprego.
14	Quais são as vantagens que você vê trabalhando de forma informal?	A vantagem que vê é o fato de ganhar mais do que ganharia se trabalhasse de forma formal, como o empregador não tem tanto imposto para pagar, pode pagar um pouco mais para a participante. Mais a frente ela diz que se não estivesse a trabalhar como costureira de forma informal, poderia estar a trabalhar numa área que não gosta.
15	Quais são as desvantagens de trabalhar de forma informal?	A desvantagem seria no caso de um rompimento com a empresa a participante teria direitos a receber, teria valores a receber, e assim a trabalhar de forma informal não os receberá.
16	Pensa que existem vantagens neste tipo de emprego para o desenvolvimento do Brasil? E porquê?	A participante acha que de uma certa forma sim, porque como há muito desemprego, poderia estar a trabalhar noutras áreas que não gosta, ou estaria desempregada, sem ter a possibilidade de fazer face aos seus compromissos mensais e a própria compra de alimentação. Quando perguntada sobre o não pagamento dos impostos que a informalidade deixa de os arrecadar, diz que se os impostos fossem de fato utilizado para o que é devido não seria vantajoso, mas que não tem sido o caso.
17	O que você acha que o governo poderia fazer para promover o emprego formal?	A participante acha que os impostos cobrados são muito altos, diz que se um empresário for registar um colaborador teria que pagar um salário e quase o mesmo valor que paga em salário pagaria de impostos. E diz: “(...) fica pesado, para uma empresa que tá começando, para uma empresa pequena fica pesado, né?”.
18	Você acha que o governo brasileiro teve algum papel ou influência na sua decisão de trabalhar de forma informal?	De certa forma pensa que sim, diz que é completamente contra o atual governo, e que este está a retirar os direitos dos trabalhadores, por este motivo pensa que o governo tem uma influência sim.
19	Você acha que o governo brasileiro tem algum papel no combate do emprego informal?	A participante não vê esforço nesse sentido, acha que os trabalhadores são as pessoas que vão desenvolver o país, e que o atual governo não dá atenção.
20	Quais as razões que levariam a aceitar um trabalho formal?	A participante diz que a razão seria o fato de no caso da quebra de contrato ter direitos a receber, teria mais segurança.

21	Quais as razões que não levariam a aceitar um trabalho formal?	A participante diz que a desvantagem é receber menos, esta é uma questão porque as empresas que contratam trabalhadores formais têm mais gastos com impostos, e consequentemente pagam menos.
22	O emprego informal justifica-se pela probabilidade do desemprego acontecer a curto ou médio prazo?	A entrevistada acha que há bastante informalidade, e que como as coisas estão, pensa que este fenómeno da informalidade vai continuar no futuro.
23	Houve alguma pergunta que não fiz que acha importante e que deveria ter feito?	Não quis acrescentar.

Tabela A17 – P16: Sindicato

Sindicato dos Trabalhadores e Hotéis, Bares e Restaurantes, Turismo e Hospitalidade		
	Questões	P16
1	O sindicato possui conhecimento da realidade do emprego informal?	<p>O presidente inicia a entrevista dizendo que apoia reformas, mas que esta reforma do ano de 2017 prejudicou muito os trabalhadores e até um pouco dos empresários. E sente que os trabalhadores se afastaram do sindicato, mas deixa claro que estão se adaptando à essa reforma.</p> <p>Responde que sim, o sindicato tem a consciência e que acompanham este efeito da informalidade, e foi percebido que esta nova reforma trouxe um caminho para os empregadores contratarem trabalhadores na informalidade. Diz que as pessoas precisam trabalhar e partem para a informalidade, e que há muita informalidade na cidade principalmente na área do turismo, porque há muitos imigrantes que vêm de outro distrito para trabalhar na cidade por conta das praias e do turismo durante o período de temporada, aumentando a informalidade. Isso é negativo porque estes imigrantes que precisam trabalhar tiram emprego dos moradores da cidade, e fazem com que os salários sejam reduzidos, porque eles precisam trabalhar e aceitam qualquer proposta. Outra questão levantada foi a falta de qualificação do trabalhador, diz haver muitas pessoas desqualificadas para a prestação de serviços, principalmente no turismo, e que isso também contribui com a informalidade e com o desemprego. Diz que não há investimentos para que as pessoas se qualifiquem. Apesar de admitir que às vezes os próprios trabalhadores não querem se qualificar. Outra questão é a carga horária, trabalhar em sábados, domingos e feriados diz que isso contribui com a informalidade e para o desemprego.</p>
2	Reconhece que dentro dos seus associados existe a prática de trabalho	Diz que existe este reconhecimento do trabalho informal dentro dos trabalhadores e dos associados, em que há uma média de 20% dos

	informal ocasional, sazonal ou permanente?	trabalhadores deste setor que são associados ao sindicato, e não se pode dizer que é somente nos associados que estão os trabalhadores informais, mas sim tratando-se de modo geral.
3	Qual a posição do sindicato em relação à esta questão?	Responde que referente à informalidade não podem fazer muita coisa, o que podem fazer é orientar os trabalhadores quando estes procuram o sindicato. O sindicato não vai até as empresas alertar sobre a informalidade, o que podem fazer é alertar a empresa para a documentação necessária para uma contratação correta. E fazem através da mídia de como as contratações devem ser feitas, e quando o trabalhador procura pelo sindicato, eles explicam como funciona o procedimento. Diz que ainda estão se adaptando às mudanças da reforma das leis trabalhistas, e acrescenta que estão muito capacitados internamente
4	Quais as medidas que acham necessárias que promovam um comportamento do associado na procura e persistência do trabalho informal?	Esta questão já foi respondida, a resposta está na juntamente da resposta à pergunta 1, em que o presidente aponta a imigração como fator que desencadeia a informalidade, o desemprego e a redução salarial. A falta de qualificação no mercado de trabalho e também aspectos sobre a carga horária de trabalho.
5	O quê que o sindicato pode fazer em relação a isto?	Esta pergunta já foi respondida sem tê-la feito diretamente, a resposta também está incluída na resposta da pergunta 3.
6	Qual a opinião e posição do sindicato em relação às políticas atuais que poderão afetar de forma direta o comportamento dos cidadãos à procura do mercado formal?	Referente à posição do sindicato eles têm alguma preocupação quando um trabalhador é contratado com a nova reforma trabalhista, porque a grande maioria dos trabalhadores não conhecem as leis, reforça que já não conheciam muito bem a antiga pois, as pessoas não são informadas dos direitos trabalhistas durante o seu percurso acadêmico, pensa que as escolas deveriam explicar isto. Diz que o trabalhador só tem conhecimento dos seus direitos quando ele sai da empresa e percebe que foi prejudicado, ou quando tem dúvidas nesse sentido, e é aí que o sindicato atua. Acrescenta que às vezes as próprias empresas também não sabem muito bem como fazer uma contratação. Conclui dizendo que há muita gente trabalhando sem registo, sem contrato e por isso as percentagens da informalidade são tão elevadas.
7	Como o sindicato se vê no futuro em relação à problemática do emprego informal?	Diz que relativamente ao futuro, a recuperação do sindicato num modo geral é lenta do movimento sindical e vai demorar, porque o trabalhador se afastou, e que hoje o único rendimento do sindicato vem do trabalhador ser filiado ao sindicato. Disse que atualmente o trabalhador não se interessa muito pelo sindicato, e reforça que o sindicato está pronto para orientar e defender a categoria. Acha que o

		<p>movimento sindical esteve muito tempo parado e sem uma atualização e que isso também atrapalha a recuperação que será vagarosa.</p> <p>O sindicato está a tomar providência para captar trabalhadores, e explicou que algumas políticas do sindicato foram alteradas, antigamente não cobravam pelo atendimento, era gratuito e já não o é, o trabalhador atualmente têm que pagar uma taxa de atendimento.</p> <p>Acrescenta que os trabalhadores estão começando a entender que eles precisam de um sindicato fortalecido, e para isso que eles têm que se associar. E relativamente ao crescimento do emprego é preciso mais investimentos, mais divulgação das informações dos direitos dos trabalhadores. E reconhece que também há ofertas de emprego para se trabalhar à noite, fins de semana, mas há muitas pessoas que não aceitam porque querem qualidade de vida.</p>
8	Houve alguma pergunta que não fiz que acha importante e que deveria ter feito?	Só referenciou que falta investimento, que o que gera emprego é o investimento, principalmente numa cidade turística como a que o sindicato está inserido.

Tabela A18 – P17: Colaborador Informal - COVID-19

Colaborador Informal - COVID-19		
	Questões	P17
1	Sexo	Feminino
2	Qual a sua idade?	24 anos
3	Qual a sua escolaridade?	Ensino Secundário
4	Qual a sua nacionalidade?	Brasileira
5	A sua situação como estrangeiro/a está regularizada no Brasil?	-
6	Qual a sua atividade atual?	Assistente técnica de aparelhos eletrônicos
7	Você tem conhecimento do emprego/trabalho informal?	Sim
8	Trabalha de forma informal?	Sim
9	Já praticou o emprego informal antes?	Sim, quando era muito nova.
10	Você iniciou o trabalho informal antes do COVID-19 ou depois do COVID-19?	Depois do COVID-19.
11	Como você iniciou o trabalho na informalidade antes?	Quando era mais jovem não conseguia arranjar emprego, falou na situação do jovem aprendiz em que ela estava inserida mas que recebia muito pouco, e passou então para o setor informal por receber um salário mais elevado.

12	Como o COVID-19 influenciou na sua opção de trabalhar de forma informal?	Diz que depois da crise que houve com a pandemia em que muitas lojas tiveram que encerrar atividades porque não conseguiam manter seus negócios, por ficarem tanto tempo fechados por conta da pandemia, o seu empregador teve que decidir fazer despedimentos, optou por manter que tinha mais tempos de casa e a participante ficou no desemprego.
13	O que você pensa para o futuro em relação ao trabalho informal? Você pretende continuar a praticá-lo no futuro?	Diz que depende da situação do país e que atualmente está muito difícil para conseguir um emprego formal, e se esta situação se mantiver vai ter que continuar na informalidade. Demonstra que gostaria de algum emprego bom que pague, mas que hoje em dia não está fácil.
14	Tendo em conta a situação do COVID-19, há mais algum motivo de você estar nesta situação de informalidade?	Responde que muitas lojas foram à falência, a economia não voltou a ser mais a mesma. Também diz que os empregadores pedem mais requisitos para o cargo como curso superior, e dão menos importância à experiência. Diz ter experiência, mas que não tem nenhum curso. Acrescenta que antes também tinha mais lojas no mercado para procurar emprego.
15	Quais as vantagens que você vê trabalhando de forma informal?	Diz que depende, em algumas coisas há vantagens como fato de que quando se trabalha de forma registrada, não se recebe o salário inteiro por conta dos descontos que se faz, e que agora recebe o valor integral.
16	Quais são as desvantagens de trabalhar de forma informal?	Vê como desvantagem o fato de não ter um convênio de saúde, ou mesmo de saber que ao trabalhar assim informal como não contribui não terá direito à aposentadoria.
17	Pensa que existem vantagens neste tipo de emprego para o desenvolvimento do Brasil? E porquê?	A participante acredita que não, porque na forma registrada tem o pagamento dos impostos. Também diz que não recebe direitos como se recebia antes como as férias, bonificações, o décimo terceiro, e como não os recebe também não consome tanto, assim a economia não “gira”.
18	O que você acha que o governo poderia fazer para promover o emprego formal?	Diz que talvez, se o governo desse oportunidade de um melhor ensino, diz que os cursos são caros e se houvessem mais cursos gratuitos e de qualidade, ajudaria as pessoas se qualificarem mais para encontrarem um melhor emprego.
19	Você acha que o governo brasileiro teve algum papel ou influência na sua decisão de trabalhar de forma informal? Tendo em conta a situação do COVID-19.	Pensa que influenciou sim, porque as coisas estão muito altas, os recursos básicos como água, luz, renda, alimentação está tudo tão caro que também há que se procurar um emprego que pague um pouco mais, tendo em conta que o formal paga salários mais reduzidos.

20	Você acha que o governo brasileiro tem algum papel no combate do emprego informal?	Acredita que não porque se não, pelo menos metade das pessoas já estariam a trabalhar de forma formal. E acrescenta que atualmente o informal está a crescer mais que o formal, e que se estivessem fazendo algo para combater teria menos informalidade.
21	Quais as razões que levariam a aceitar um trabalho formal?	A primeira preocupação é ter um bom plano de saúde, porque considera que a saúde no país não é boa. Também diz que gostaria de se aposentar.
22	Quais as razões que não levariam a aceitar um trabalho formal?	Responde que com a formalização os salários ficam muito reduzidos por conta dos descontos, e que desta forma não recebe o suficiente para fazer face às despesas mensais.
23	O emprego informal justifica-se pela probabilidade do desemprego acontecer a curto ou médio prazo?	Pelas respostas dadas durante a entrevista, é possível chegar à conclusão de que esta participante precisava de algo no curto prazo pois ficou desempregada e tinha que fazer face às suas despesas, e como já referiu, manter-se no informal vai depender da economia porque ela já referiu que a economia mudou.
24	Houve alguma pergunta que não fez que acha importante e que deveria ter feito?	Não quis acrescentar.

Tabela A19 – P18: Colaborador Informal - COVID-19

Colaborador Informal – COVID-19		
	Questões	P18
1	Sexo	Feminino
2	Qual a sua idade?	42 anos
3	Qual a sua escolaridade?	Ensino Superior Incompleto
4	Qual a sua nacionalidade?	Brasileira
5	A sua situação como estrangeiro/a está regularizada no Brasil?	-
6	Qual a sua atividade atual?	Motorista de Aplicativo
7	Você tem conhecimento do emprego/trabalho informal?	Sim
8	Trabalha de forma informal?	Sim
9	Já praticou o emprego informal antes?	Não
10	Você iniciou o trabalho informal antes do COVID-19 ou depois do COVID-19?	Depois do COVID-19.

11	Como você iniciou o trabalho na informalidade antes?	Não se aplica porque a participante não trabalhava de forma informal.
12	Como o COVID-19 influenciou a sua opção de trabalhar de forma informal?	A participante disse que ainda não procurou, mas assim que foi despedida foi a forma mais rápida de ter um trabalho no momento. A entrevistada trabalhava numa empresa há sete anos, e com a pandemia a empresa passou por dificuldades e fez demissões e ela ficou desempregada.
13	O que você pensa para o futuro em relação ao trabalho informal? Você pretende continuar a praticá-lo no futuro?	Não pretende continuar, vai procurar um trabalho formal.
14	Tendo em conta a situação do COVID-19, há mais algum motivo de você estar nesta situação de informalidade?	O motivo foi mesmo o COVID-19, ela referiu que a empresa antes da pandemia estava bem, mas que depois teve que ficar muito tempo fechada, a matéria-prima aumentou muito e tiveram que fazer cortes.
15	Quais as vantagens que você vê trabalhando de forma informal?	Responde que não vê vantagem nenhuma.
16	Quais são as desvantagens de trabalhar de forma informal?	As desvantagens para a participante são muitas, ela cita a maioria dos benefícios que teria se fosse trabalhadora formal, como a segurança social, aposentadoria, décimo terceiro, bonificações e plano de saúde. Disse que sempre teve tudo isso nos seus trabalhos formais, e disse que hoje se sofrer um acidente não terá salário, porque ela é quem o faz, recebe por dia de trabalho.
17	Pensa que existem vantagens neste tipo de emprego para o desenvolvimento do Brasil? E porquê?	Acha que não tem vantagens para o país porque deixa de arrecadar os impostos, o país não cresce e então não vê vantagens.
18	O que você acha que o governo poderia fazer para promover o emprego formal?	Pensa que sim, que o governo poderia ajudar as empresas diminuindo a carga fiscal principalmente neste momento de crise. E diz: “Se ele diminuísse impostos, quem sabe eu não teria sido demitida né?”. Acha que deveria ter ajudado as empresas durante a pandemia.
19	Você acha que o governo brasileiro teve algum papel ou influência na sua decisão de trabalhar de forma informal? Tendo em conta a situação do COVID-19.	Sim, acha que sim. Como já foi referido na entrevista foi devido à pandemia, e o governo não ter ajudado as empresas, e a mesma ter sido despedida.
20	Você acha que o governo brasileiro tem algum papel no combate do emprego informal?	Pensa que não faz nada, nem antes da pandemia, nem agora. Diz que o atual governo não faz nada. Acresce que os governos anteriores investiam mais em educação e saúde e que o atual não. Diz que para as empresas é mais fácil ter um funcionário

		informal e não pagar impostos, do que pagar ao Estado e não ter rentabilidade.
21	Quais as razões que levariam a aceitar um trabalho formal?	Teria muitas razões para aceitar um emprego formal, tudo que enumerou acima na entrevista como vantagens seriam razões para aceitar um emprego formal.
22	Quais as razões que não levariam a aceitar um trabalho formal?	Uma razão que não levaria a aceitar um trabalho formal seria a carga horária, ou trabalhar em centro comercial em que se trabalha sábado e domingo e feriado, prefere trabalhar de segunda a sexta-feira apenas e sábado de manhã no máximo. No fundo, prefere ter melhores condições de trabalho.
23	O emprego informal justifica-se pela probabilidade do desemprego acontecer a curto ou médio prazo?	Esta questão não foi feita porque penso que não fazia sentido dado já as respostas anteriores em que a participante disse inclusive estar na informalidade apenas por agora, ou seja, num curto prazo.
24	Houve alguma pergunta que não fiz que acha importante e que deveria ter feito?	Não quis acrescentar.